O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XXXVIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS — QUARTA-FEIRA 30 DE OUTUBRO DE 1889 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:840

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—No novo reinado.—A maxima de Boileau.—A verdade da questão.—Eleições.—Agradecimentos.—Noticiario.—Carta de Lisboa.—Carta de Fozcoa.—Secção agricola.—Secção litteraria.—Parte official.—Folhetim: A dama das camelias.—Correio de Lisboa.—Movimento maritimo.

AVEIRO

NO NOVO REINADO

A morte do rei devia imprimir nova orientação aos partidos constitucionaes. Como ha logar para todos elles dentro da monarchia, como a chamada rotação politica é um principio indeclinavel, neuhuma razão de ordem, nenhum escrupulo por nimio que fosse, deve impôr o retraimento, antes o novo reinado, isento de precedentes, sem historia, e aberto a todas as aptidões e a todas as actividades, é ou deve ser o ponto escolhido para reunir e grupar em volta da coroa todos os elementos de força, que se acham desagregados e dispersos, e como que em guerra punica. Acercado do estado maior dos partidos, o principe a quem a morte abriu a vaga no throno, ver-se-ia rodeado pelos homens mais distinctos da politica e da administração, sendo o seu concurso mais um penhor, uma nova garantia da alliança sincera da realeza com a democracia, o que é o nosso bello ideal, a aspiração constante porque temos lidado dês que estamos na imprensa politica.

D'esta crusada, a de unir fileiras o partido liberal em volta d'el-rei D. Carlos, foi eremita o *Dia*, folha independente da capital. Não queremos empanar a gloria occultando a iniciação a quem de direito pertence. E se apenas hoje adherimos publicamente, foi porque entendemos que o assumpto não perdia sendo tratado com mais vagar.

Ninguem alvitra que se confundam ou dispersem hostes que ha muito vivem separadas, com programma e bandeira definidos. Ninguem ambiciona a fusão de elementos de distinctas procedencias. Seria isso uma utopia risivel, e o mundo não se dirige por theorias de um optimismo quinhentista, mas por factos determinados, cuja vantagem esteja ao alcance de todos. E se dentro da monarchia ha espaço e funcção para cada actividade comprovada e devidamente reconhecida, se a onda do socialismo engrossa lá fóra, ameaçando o centro, o norte e o ocidente da Europa, se a politica é uma sciencia e não um pretexto para luctas estereis e inglorias, porque não farão todos o sacrificio das suas prevenções pessoaes, e da incontinencia partidaria, que além de ser um acto de insubordinação, é um crime politico, dando um exemplo de cordura, uma prova de abnegação e desinteresse, que imponha pela nobreza do porte e pela grandeza do patriotismo?

*

O herdeiro da coroa acaba de ser empossado da suprema magistratura. Até agora tem vivido como cidadão a quem ainda não ferem os espinhos da missão que foi chamado a exercer. Por que não hão de auxilial-o lealmente aquelles que o teem como chefe do grande partido liberal, como o primeiro entre os primeiros do seu paiz? Que motivo aconselha a lucta descaroavel que se fere em volta d'elle, quando o periodo, difficil e laborioso em que entramos, devia ser para a politica, de paz e trabalho, porque todos os partidos interessam com a consolidação e fiel execução das instituições representativas?

Feriu-se a batalha eleitoral, que correu placidamente, não dando logar a agastamentos, nem a graves conflictos entre as hostes combatentes. Venceu quem teve por si maior numero de votos. E' isso da indole do systema. Fechou-se o ciclo das ambições, e como todas as fracções constitucionaes se considerem vencedoras, segue-se, que houve a maior liberdade eleitoral, a mais ampla garantia para que cada um exercesse como lhe aprouvesse os seus direitos politicos.

E foi assim, não só pelos resultados da urna, como tambem graças á historia verdadeira do que se passou em todos os circulos onde foram disputadas as eleições. E todavia sabe-se perfeitamente que dos desmandos que se praticam em uma ou outra assembleia, não são responsaveis os governos que prezidem ao acto, devendo-se aquelles exclusivamente á exaltação dos animos no periodo algido das questões que se levantam nas localidades. Todavia, seja dito como preito á verdade, de tudo o que se tem escripto não se infere que houvesse violencias, ou que os agentes officiaes coagissem os eleitores, para que estes votassem em determinado sentido.

Assomos de intemperança partidaria em uma ou outra assembleia, houve-os nos circulos em que a eleição foi mais guerreada. Mas é pecha de todos os tempos. As paixões rebentam e muitas vezes o choque é imprevisto e inevitavel. Todos querem vencer, e ha quem presuma que a verdadeira liberdade consiste em tolher a liberdade dos outros. Os que estão de cima supõem que tudo se póde fazer para vencer uma eleição. Os que estão de baixo não se poupam tambem a destemperos, e d'aqui os conflictos, n'um assumpto em que só a liberdade espontanea do eleitor devia entrar.

Ha quem imagine e inculque, que o vencimento d'este ou d'aquelle candidato é a obra das simpathias que elle ou os seus amigos teem grangeado na circumscripção que o elegeu. Engano d'alma ledoe cego. Uma ou outra vez pode a corrente dos eleitores ser influenciada por esse factor, que devia ser unico n'uma eleição conscienciosa. Mas em regra são outros os moveis do triunfo. Pode quasi sempre mais a dependencia em que os eleitores estão dos influentes. Os rendeiros de propriedades rusticas ou urbanas, os que vivem da gerencia de capitaes alheios, os industriaes que trabalham para casas poderosas, peza mais na consciencia d'elles a consideração da dependencia, que as sollicitações importunas e por vezes inconvenientes dos agentes do poder central. Sain o recenseamento militar da alçada e alvedrio da auctoridade administrativa. As execuções fiscaes provenientes dos impostos relaxados, são do dominio dos tribunaes. As questões administrativas já não se decidem nas charolas politicas, que d'antes havia e tinham a decoral-as o rotulo pomposo de—conselhos de districto.

Todos estes elementos de força faltam hoje ao governo, quebrando-se-lhe nas mãos armas afiadas e de dois gumes; porque quando a sorte virava, e os alcatruzes que estavam debaixo subiam com o movimento do calabre, os vencedores de hoje eram feridos ámanhã pelos mesmos processos que tinham empregado contra os adversarios. E por tanto bom foi que os partidos acordassem em pôr de parte meios, que só temporariamente aproveitavam ao que estivesse representado nos conselhos da coroa.

*

Mas isto, se praticamente significa uma conquista, que abona as tendencias democraticas dos nossos homens de estado, não basta para exprimir que entrasse em todos a comprehensão dos seus deveres politicos. Em 1853, quando a morte abateu o vulto homerico do primeiro rei constitucional, não podendo nós dar este nome a D. João VI por causa das intermitencias que se deram no seu reinado, todos os partidos se acercaram do novo rei, que era menor, e cuja era se iniciava por meio da regencia de D. Fernando. Em 1855, quando foi declarada a maioridade de D. Pedro V, a mesma trégua nos partidos provou exhuberantemente que todos elles tinham comprehendido a sua missão constitucional, desempenhando-a com escrupulo, e mostrando ao paiz o caminho que se devia seguir para se entrar firmemente em vida nova, cujo resultado fosse a nossa remodelação moral, intellectual e material. Quando a morte de D. Pedro V chamou a succeder-lhe el-rei D. Luiz, aos tumultos que exprimiam a angustia enorme de uma grande dôr, em consequencia dos estranhos boatos que circularam ácerca de tão triste occorrencia, seguiu-se um periodo largo de laboração e socego, dando-se treguas os partidos, como que se se impozessem todos a obrigação de facilitar ao chefe do estado o exercicio das suas prerogativas constitucionaes.

Já se vê que a cousada prégada pelo *Dia* tem precedentes e valiosos na nossa chronica politica. E todavia ninguem se julgou amesquinhado com ter concorrido n'aquellas epocas para a pacificação das paixões partidarias, nem os partidos dispersaram, ou renegaram o seu credo politico pelo interesse que tinham revelado pela munutenção das instituições. Entenderam, pelo contrario, que tinham dado exemplo de patriotismo, o que hoje talvez espanta os homens, que capitaneiam hostes indisciplinadas, que appellam para o escandalo ruidoso á mingoa de rasões de maior folego.

A MAXIMA DE BOILEAU

Lemos ha dias no *Algarvio*, jornal de Loulé, a carta-manifesto em que o sr. Marçal Pacheco annuncia a estes reinos a resolução inabalavel em que se achava de não increver o seu nome illustre no livro dos candidatos a deputado pelo circulo plurinominal de Faro. E como aquella deliberação se nos affigurou em contradição com os precedentes, não estranhe s. ex.ª, que lhe façamos os indispensaveis commentarios.

Quem conhece o paiz e os homens que mais activamente figuram na politica partidaria, não póde deixar de lembrar-se, ao ler o sr. Marçal, de um dito espirituoso do principe de Talleyrand, nos aureos tempos do primeiro imperio. O principe, que fôra bispo e tambem convencional, tinha um barbeiro, que ao escanhoar-lhe os queixos lhe contava anedoctas e lhe dava noticias, o que o celebre diplomata festejava com remoques e sainetes. Um dia o *Figaro* apresentou-se de aspecto sombrio e Talleyrand perguntou-lhe em tom faceto:—Então, mestre, que novidades ha? O barbeiro coçou a orelha esquerda e elevando os olhos ao céu, que era o tecto do gabinete, disse com voz contristada:

« Sr., F., (um trunfo politico d'aquelles tempos) está muito doente, e se elle morre, lá se vai o melhor freguez, depois de v. ex.ª»

O principe riu-se, mas depois perguntou com modo chocarreiro:

« O' mestre! que interesse terá elle em estar doente!»

Agora a moralidade do caso. Que conveniencia teria o sr. Marçal em retirar a sua candidatura, cedendo os seus votos aos srs. dr. Virgilio Inglez e Ferreira de Almeida? Que *quid* occulto (*) o determinou, quando as suas aptidões o levavam naturalmente para a vida parlamentar, em cujo meio creou reputação de homem habil, e de orador eloquente?

Permitta-nos s. ex.ª que archivemos a sua carta-manifesto, para um dia confrontarmos as suas palavras escriptas com os seus actos, e n'isto somos coherentes com as regras do seu querido Genuense, com quanto tenhamos para nós, que a logica e a politica andam ha muito em lucta aberta n'este paiz, e muito principalmente na boa terra dos Algarves.

Que interesse terá pois o sr. dr. Marçal em transformar-se á ultima hora em barão de Catanca, de philantropica memoria, como quem solta o grito legendario de—paz e união entre vós todos ó... regeneradores? E releve-nos s. ex.ª que appliquemos á sua desistencia a phrase historica do seu antigo e prestigioso chefe, cuja morte prematura estabeleceu o scisão nos seus arraiaes:«—Mas o que quererá aquelle homem?» Sim, porque desistiu o sr. dr. Marçal depois de se ter apresentado como candidato por Faro? Pretenderá equilibrar-se nas duas correntes, elle que se inculca independente, e que diz não obtemperar ás sugestões de corrilhos politicos? Porque falla s. ex.ª agora em termos conciliadores, quando nas camaras fustigou sem misericordia os serpaceos, deixando-os a escorrer sangue?

Reconsideraria s. ex.ª, abordoando-se ás manhas do viageiro que ao caminhar na ponte acompanhava as passadas invocando Deus e o diabo, exclamando que o primeiro era bom, e que o segundo não era mau? Huum!... Parece-nos que não dão para tanto os seus melindres no que respeita á politica; mas sejam quaes forem os seus intuitos, o futuro se encarregará de os trazer á supuração. Que isto de suppôr que os mais são broncos e que o povo se deixa fascinar pelas lantejoulas da rhetorica, prova só uma cousa, a saber; que os espertos dão ás vezes maiores estenderetes, do que aquelles a quem pretendem embaçar.

E não veja o distincto parlamentar n'estas considerações offensa aos seus talentos, pois não é essa a nossa intenção. Os reparos que ahi ficam ao correr da penna dizem só que se as palavras se crearam para exprimir o pensamento, a carta-manifesto de s. ex.ª foi, ao nosso parecer, escripta para occultar um fim. E qual elle seja é que nós por emquanto ignoramos. Todavia temos a quasi certeza de que cedo ou tarde o illustre filho de Loulé nos apresentará a conclusão magna da these enunciada na sua famosa epistola datada de 10 do corrente da Fonte da Esperança, sitio e nome symbolicos, que talvez entrem como factores nas cogitações aparentemente desambiciosas de s. ex.ª.

E como estamos em maré de citações, concluimos com Boileau:

Rira bien que rira le dernier.

(*) Prender-se-ha o estranho caso de Loulé com a promessa feita pelos chefes do grupo serpaceo, de, chegando ao poder, darem o titulo de conde e um logar vitalicio na camara dos pares, a um trunfo politico, que desistiu da sua eleição por um circulo do sul, dando os votos que tinha aos candidatos da esquerda e da direita regeneradora? Ora como o sr. dr. Virgilio é... barjonaceo, e como o sr. Ferreira d'Almeida é hoje... serpaceo, segue-se que... a imprensa deu já no vinte? E no fim não nos dirão quem *ciganou* em tudo isto?

A VERDADE DA QUESTÃO

Na assembleia d'apuramento do circulo plurinominal de Oliveira d'Azemeis, a maioria recusou-se a passar o respectivo diploma, com o fundamento:

1.°—da urna da assembleia primaria de Carregoza ter sido arrebatada da meza, sendo depois aprehendida pela policia, que a fez conduzir primeiro para a casa da camara, que distava alguns kilometros d'ali;

2.°—de não ter havido escrutinio, pois restabelecidas as cousas, tinha-se feito um accordo para dar uns tantos votos a cada candidato.

Parece averiguado que a eleição d'esta assembleia correu tumultuosa até que a urna foi arrebatada, e que o acto eleitoral não proseguiu depois d'aquelle accordo, embora se passasse edital com o numero de listas e de votos, porque tudo se fez tumultuariamente, lavrando-se depois contra tudo isto protesto com as formalidades legaes.

Ora provada a circumstancia da urna andar em bolandas, juntamente com a de não ter havido escrutinio nem apuramento, a eleição da Carregoza está insanavelmente nulla, e bem andou a assembleia d'apuramento em recusar-se a passar o respectivo diploma. N'este caso a eleição terá de ser repetida na referida assembleia, por isso que o seu resultado influe na eleição d'aquelle circulo.

Se a minoria se reuniu e por seu alvedrio passou o diploma, fel-o indevida e abusivamente, incorrendo por isso nas disposições da lei penal. Lá estão pois os tribunaes para castigar esta fraude, que se fez muito conscientemente com o proposito de proteger uma falcatrua eleitoral.

Nem o facto pode ter consequencias politicas apreciaveis, porque o portador do diploma, cujos vicios de origem o inutilisam, ainda que assista ás sessões preparatorias da camara, terá de abandonar o logar, em quanto o tribunal especial não proferir sentença sobre o processo eleitoral, sentença que não pode deixar de ser conforme á lei.

Quer os arrnaceiros queiram quer não a eleição de Carregoza terá de fazer-se, não valendo as tricas do facciosismo, que nunca deu resultado que prestasse.

*

Em Paredes tivemos um caso mais estupendo. A maioria da mesa eleitoral recusou-se a contar os votos do concelho de Vallongo, dando o diploma, não ao sr. João Arroio, que era o candidato da opposição, mas..... ao mano José!... E todavia não é para admirar o acontecimento. E' a consequencia dos principios da escola regeneradora.

E vae a minoria da referida assembleia reuniu-se, contou todos os votos que no circulo recairam no candidato governamental, e zás! passou tambem diploma em nome do candidato progressista, o genuino, o sr. dr. Ferreira Augusto!

*

Estas duas eleições terão pois de ser julgadas pelo tribunal especial criado pela ultima reforma da lei eleitoral. Teem por conseguinte os eleitores a garantia de estarem salvaguardados os seus direitos.

ELEIÇÕES

No domingo reuniu na sala nobre dos Paços do concelho de Aveiro a assembleia do apuramento de votos do circulo plurinominal n.° 34—Aveiro—sendo apurados os seguintes cidadãos:

Francisco Barbosa Sotto-Maior.	5341
Albano de Mello.....	5340
José Dias Ferreira.....	5190
C. P. Sanches de Castro.....	4955
J. Alves Matheus.....	4823
Antonio Henriques da Silva...	4782
J. A. Amorim Novaes.....	1135
Guilhermino de Barros.....	854
Dantas Baracho.....	681
Luciano Cordeiro.....	459
A. de Moraes Carvalho.....	437
A. de S. Pinto de Magalhães..	150
Latino Coelho.....	113
Alves da Veiga.....	65
Augusto Fuschini.....	7
F. José Cardoso.....	4
Luiz de Magalhães.....	6
Joaquim Peito de Carvalho....	2
Serpa Pinto.....	2

Foram portanto proclamados os tres primeiros cidadãos, por serem os mais votados.

*

Em Estarreja houveram no domingo á noite ruidosas manifestações de regosijo publico. Assim que os portadores d'actas regressaram d'esta cidade áquella villa com o diploma do candidato da maioria por este circulo, o ex.mo sr. Francisco Barbosa do Couto Cunha Sotto Maior, cavalheiro respeitavel, prestimoso, e de grandes sympathias, começaram logo as demonstrações festivas. Uma multidão d'amigos e admiradores de s. ex.ª que estacionava no largo fronteiro á sua casa, com uma phylarmonica, prorompeu em calorosos e enthusiasticos vivas ao partido progressista, ao ex.mo sr. dr. Francisco de Castro Mattoso, ao ex.mo sr. Francisco Barbosa, principaes influentes do concelho, etc., queimando ao mesmo tempo muitas dezenas de foguetes. Attenta a bulha que a opposição levantou no concelho, foi assignalada a victoria dos nossos amigos, e completa a derrota dos contrarios!

*

De Oliveira d'Azemeis recebemos os seguintes telegrammas:

CAMPEÃO DAS PROVINCIAS—AVEIRO

27, ás 8 h. e 4 m.

Não terminou hoje o apuramento. Mais de mil caceteiros, capitaneados pelos agentes da opposição, invadiram a casa da assembleia e o largo municipal, mas não foi alterada a ordem em consequencia da prudencia da auctoridade e da presença da força: infanteria e cavallaria.

P.

—

28, ás 3 h.

Terminou o apuramento, não sendo dado o diploma. Pela segunda vez mais de mil caceteiros tentaram forçar a assembleia a dar o diploma ao candidado opposicionista, mas como não lograram o intento pediram certidão do apuramento de votos nas diversas assembleias, e em vista d'esse documento a minoria d'assembleia reuniu no adro da egreja e deu o diploma ao seu candidato, com grande gaudio da gentalha assalariada! A ordem não foi alterada.

P.

Tem graça o despauterio dos homens do cacete, mas o candidato terá o arrojo de se apresentar em S. Bento com tal... *papeleta?!*

O que dizem as folhas serpias a tal respeito não passa das patranhas costumadas, envolvendo nas suas fantasticas invenções o nome do sr. dr. Francisco de Castro! E' até onde póde chegar a desfaçatez! As proezas, praticadas pelos seus adeptos, que são muitas e dignas da costa d'Africa, como se ha de provar nos tribunaes, essas calam elles, e fingem ignoral-as, e lançam então a culpa aos adversarios, que cumpriram rigorosamente a lei, e só trataram de evitar os conflictos provocados por elles.

AGRADECIMENTOS

D. Maria Bernardina Salema, seus filhos e genro, agradecem penhoradissimos por esta fórma, emquanto o não fazem pessoalmente, a todas as pessoas que acompanharam á ultima morada seu chorado marido, pae, tio e padrasto, o coronel Bento da França, bem como a todos os que lhes enviaram pezames.

*

Bento da França, tenente de cavallaria n.° 10, e sua mulher, agradecem reconhecidos a todas as pessoas que se encorporaram no prestito funebre de seu tio e padrasto, o coronel Bento da França, assim como ás que lhes dirigiram pezames, reservando-se para mais tarde o fazerem pessoalmente.

*

Os officiaes do regimento de cavallaria n.° 10, vem por esta fórma patentear a sua gratidão para com todas as pessoas que acompanharam ao cemiterio d'esta cidade os restos mortaes do seu sempre chorado coronel commandante Bento da França Pinto de Oliveira.

Aveiro 30 d'outubro de 1889.

NOTICIARIO

PEDIDO.—**Aos srs. assignantes em divida pedimos a graça especial de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas. A brevidade augmentará a nossa obrigação.**

Notas da carteira.—Chegou ante-hontem a Aveiro, depois d'uma ausencia de 6 longos annos, o sr. dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, meritissimo juiz n'uma das varas do ultramar, e um dos caracteres mais dignos e um dos espiritos mais bem formados que conhecemos. Dedicados e intimos amigos do illustre magistrado, congratulamo-nos verdadeiramente com o seu regresso á patria. S. ex.ª dá-nos o prazer de se demorar aqui até depois do Natal, com o que devéras folgamos. Modelo de funccionarios briosos e dignos, exemplar no cumprimento dos altos deveres a seu digno cargo, o seu regresso encheu de verdadeira satisfação a terra que o viu nascer, os seus muitosamigos e os seus parentes, que tanto o estimam.

— Estiveram hontem em Aveiro, vindos da Costa Nova, os nossos presados amigos, srs. João Bernardo Ribeiro Junior, dr. Pereira da Cruz e Fernando de Vilhena.

— Fez annos n'um dos ultimos dias da passada semana, o nosso presado amigo e distincto clinico, sr. dr. Pereira da Cruz. Os nossos mais sinceros parabens.

— Regressou de Mafra ao seu quartel, o esquadrão de cavallaria 10 que alli tinha ido para os exercicios da escola. Commandou, e foi distincto alli como era d'esperar da sua elevada capacidade militar, o nosso muito presado amigo o sr. capitão José Augusto Arnaut Peres, cavalheiro de elevado porte, e um dos caracteres mais respeitosamente sympathicos que conhecemos.

Transcripção.—Sob o titulo que precede estas linhas, publica o nosso estimado collega *Ovarense* o seguinte:

Deputado.—«Está de novo eleito representante d'este circulo nas côrtes geraes o ex.mo dr. José Maria Barbosa de Magalhães, digno chefe da primeira repartição do ultramar e distincto advogado. A eleição correu socegadamente em todas as assembleias, não obstante a grande agglomeração de eleitores, que queriam manifestar as suas sympathias pelo sr. dr. Barbosa de Magalhães, e o apparecimento de alguns individuos, em Esmoriz, que iam votar na opposição para a accumulação, conforme lhes fôra ordenado por pessoas de quem dependem. E', pois, mais uma vez deputado por Ovar o sr. dr. Barbosa de Magalhães.

O concelho cumpriu o seu dever na escolha do seu mandatario. Mostrou que sabe comprehender quanto deve ao valimento do illustre advogado e que sabe ser grato aos serviços que lhes prestam. Effectivamente, como já dissemos por mais do que uma vez, o sr. dr. Magalhães tem sido um benemerito protector d'este circulo, dispensando-lhe sempre com todo o cuidado os esforços e a boa vontade. E devido a isso é que temos gosado o beneficio de melhoramentos e de valiosos subsidios. Quando um deputado corresponde á confiança dos seus constituintes como o sr. dr. Barbosa de Magalhães tem correspondido, é de rigorosa obrigação continuar a conceder-lhe a confiança do circulo e a recahir n'elle o direito do suffragio, um dos mais importantes das sociedades modernas. O concelho, pois, repetimol-o, cumpriu o seu dever.

Quando em 1887, advogamos d'aqui a candidatura do sr. dr. Barbosa de Magalhães, tinhamos a certeza de que diziamos uma grande verdade ao povo, apontando-lhe o nome d'aquelle cavalheiro como o unico em que deviam recahir os votos. Se lhe fallamos verdade, está ahi uma legislatura a demonstral-o. Aconselhando mais uma vez a eleição do sr. dr. Barbosa de Magalhães, temos a certeza ainda de que trabalhamos em bem da nossa terra.

Hoje que deve ser proclamado o nome do sr. dr. Barbosa de Magalhães saudamos affectuosa e enthusiasticamente o illustre jurisconsulto.»

Missas.—No sabbado passado houveram no templo do Carmo d'esta cidade, duas missas rezadas, uma para suffragar a alma de S. M. El-Rei o sr. D. Luiz, e a outra pelo sr. Bento da França, ex-coronel, ás quaes assistiu todo o regimento de cavallaria 10, e bem assim alguns convidados, sendo mandadas dizer pelo brioso corpo.

Passamento.—Falleceu no domingo repentinamente na sua casa da Quinta do Picado, d'este concelho, o sr. Anacleto Mendes Leal, muito conhecido n'esta cidade, onde vinha quasi todos os dias. Era um cidadão prestante, e por isso exerceu dignamente varios cargos administrativos na sua freguezia d'Arada, sendo actualmente presidente da junta de parochia, e n'essa qualidade prestou muito relevantes serviços á sua egreja. Soldado valente, desinteressado e leal do nosso partido, sentimos duplamente a falta do amigo e do partidario. Que a sua alma descance em paz!

Senhora da Boa-Viagem.—Verificaram-se no domingo os festejos publicos em louvor da imagem da Virgem d'aquella invocação, que se venera na capellinha de S. Bartholomeu do bairro pescatorio. De tarde e á noite tocaram em dois coretos estabelecidos no local as duas filarmonicas da cidade, queimando-se fogo do ar e do chão, subindo balões aereostaticos de lindo effeito, e estando a rua vistosamente illuminada á veneziana. A concorrencia alli foi grande a gosar a diversão. Dizia-se que de tarde haveria o jogo d'argolinha, no adro da Vera-Cruz, como no anno passado, mas á ultima hora faltaram os burros. Foi pena!

Audiencias geraes.—Começam hoje n'esta comarca, sob a presidencia do sr. dr. Alexandre Cortezão, digno juiz de direito, e servindo de agente do ministerio publico o sr. dr. Estima. No proximo numero daremos conta das causas a julgar.

O Pharol.—Continuam desenvolvendo-se com a maior actividade os trabalhos d'esta construcção no nosso porto.

Encanamento.—Não terminaram ainda as obras do encanamento do Cojo, porque o tempo o não tem permittido, mas terminarão em breve, por toda esta semana ou principios da outra.

Trabalho no mar.—Está bom o mar, permitte o trabalho, mas a pesca que produz tornou a ser chicharro e petinga, e em pequena quantidade.

Para as pescas de Lisboa.—Começaram já a partir para o mar do Tejo as levas de homens que alli vão pescar com tarrafas. São da Murtoza e de Ilhavo os emigrantes e d'ambos os pontos tem partido centenares de braços.

Tempo.—Melhorou, felizmente, apezar de se sentir já, e com bastante intensidade, o frio, mal a noite desce ou o dia começa a surgir.

Facto historico.—Desagradavam, talvez, ao marquez de Pombal os vinhos produzidos nos campos do Tejo, do Mondego e do Vouga. Remedio radical: mandou arrancar as vinhas d'aquellas regiões e ordenou que as substituissem por cereaes. Esta sabia resolução, que será qualquer dia imitada ou parodiada, foi adoptada em 26 de outubro de 1765.

Concurso.—Com o ordenado annual de 500$000 réis, está a concurso o partido medico de Alcoutim.

Noticias da Bairrada.—Em 29.—Está ha dias na estação de Mogofores, á disposição das ex.mas srs.as D. Henriqueta e D. Julia, virtuosas filhas do nobre presidente do conselho de ministros, o sr. conselheiro José Luciano de Castro, uma carruagem-salão dos caminhos de ferro do Minho e Douro. Suas ex.as esperam a vinda de Lisboa a Anadia, de seus estremosos paes, para retirarem á capital.

— O sr. Cerveira d'Albuquerque, habilissimo tenente de engenheria, tem recebido felicitações de muitos de seus visinhos de todas as classes, pelo seu triumpho na grande lucta eleitoral do circulo de Cantanhede. Nós repetimos aqui a nossa congratulação por tão auspicioso sucesso:—sucesso devido em grande parte aos nossos conterraneos e amigos srs. dr. José Paulo, digno juiz de direito e illustre deputado, e João Augusto d'Azevedo, digno recebedor da comarca d'Anadia. Suas ex.as teem muitas sympathias e muitos amigos em Cantanhede, desde que alli estiveram—o 1.° como agente do ministerio publico e o 2.° como recebedor da comarca.

— Corre bom o tempo, optimo para a colheita dos milhos das terras baixas.

F.

Noticias d'Alijó.—Em 27.—A assembleia de apuramento foi invadida por mais de 400 *homens armados*. Impediram a entrada da minoria e do administrador. A maioria recusou o protesto. Percorreram as ruas, dando vivas á opposição e disparando tiros. Receiam-se graves conflictos.

Um pobre de Christo.—Um lord Bute acaba de fazer construir em Inglaterra um palacio acastellado, tendo gasto na construcção uns 8:500 contos de réis.

Para abrigar um nosso similhante é muito gastar em alojamentos. Lembra um ratão que mandasse pôr na meza só para o seu almoço dois mil bifes e ao lado da meza um pipa de Collares.

Miserias humanas! Não fica mal esta pitada de philosophia!

Inundaçõees m Hespanha.—Principiam a contas com os nossos visinhos os rigores do inverno. O rio Ara, no Aragão, trasbordou com furia, destruindo pontes e devastando os campos marginaes.

Em Tudela, o rio Ebro fez eguaes estragos e da provincia de Huesca chegam noticias desoladoras.

Pobre Hespanha! Ou discordias entre os homens, ou guerra com a Natureza.

As machinas de costura.—Para se verem os lucros dos fabricantes de machinas de costura, damos em seguida esta resumida nota: O inventor da Singer, morreu, deixando uma fortuna de 13:500 coutos. A machina Howe rende por anno 450 contos. As machinas Wheeler e Wilson dão aos seus fabricantes um rendimento annual de 800 contos a cada um.

Horario dos comboyos.—*Porto-Lisboa*:—Partida: 8,45 horas da manhã; e 4 30 (Rapido) e 7,30 da tarde. Chegadas: 7,30 h. da manhã; e 9,10 e 11,13 (Rapido) da noite.

Porto Aveiro:—Partida: 6 h. da tarde. Chegada: 6,20 da manhã.

Porto Ovar:—Partida: 7,30 (1) da manhã e 12,30 da tarde. Chegadas: 11,55 (1) da manhã e 3,55 da tarde.

(1) Estes comboyos só se effectuam de junho a 31 de outubro.

Porto Madrid e Badajoz:—(directo) Partida: 3,0 horas da tarde. Chegada: 10,30 da manhã.

Porto Valencia d'Alcantara:—Madrid—Partidas: 3,0 (1) 4,30 da tarde. Chegadas: 10,30 h. da noite.

(1) Sud-Express, ás segundas e sextas.

Porto-Guimarães:—Partidas: 4,40 8,20 e 11,0 h. da manhã; e 4,40 da tarde. Chegadas: 8,19 da manhã; 2,10 e 6,0 da tarde e 8,45 e 11,30 da noite.

Porto, Povoa, Famalicão:—Partidas: (Estação da Boavista) 7,30 da manhã e 2,20 e 6 da tarde. Chegadas: 7,6 e 10,33 horas da manhã; 7,5 da tarde.

Porto, Vianna, Valença: — Partidas: 4,40 (1); 8,20; e 11 (Expres) da manhã, e 4,40 da tarde. Chegadas: 8,19 da manhã; e 2,10 (Expres) e 6 da tarde e 8,45 (1) noite.

(1) Este comboyo é só entre Porto e Vianna e vice-versa.

Porto, Braga: — Partidas: 4,40; 8,20; 11,0, 7,10 (1) da manhã; e 4,40 da tarde. Chegadas: 8,19 da manhã; e 2,10; 6,0; 8,45; 10,42 (1) 11,30 (1).

(1) Estes só desde maio a outubro.

Porto, Barca d'Alva:—Partidas: 5,20; 8,0 horas da manhã; e 5,10 da tarde. Chegadas: 8,10 horas da manhã; e 5,30 da tarde e 10 da noite.

Porto, Mirandella:—Partida: 8 da manhã. Chegada: 5,30 da tarde.

A filha de Villacampa.—Os leitores recordam-se do brigadeiro Villacampa, condemnado em tempo á pena de morte como chefe d'uma sedição que ficou mallograda e ao qual a rainha d'Hespanha commutou a pena em prisão perpetua, devido ás lagrimas da filha do infeliz e ás supplicas de todo o povo madrileno? Pois, segundo noticia uma folha de Madrid, um rapaz americano e possuidor d'uma fortuna consideravel acaba d'offerecer a sua mão á desditosa menina. Esta parece, porém, não estar resolvida a acceital-a.

O ambar.— E' sabido que esta preciosa materia não passa d'uma resina exhudada pelas coniferas do periodo geologico e mioceno, accumulada durante seculos, formando massas e nodulos com todos os cambiantes do amarello, desde a côr de palha ao tom do vinho do Porto.

Encontra-se profusamente em Samland (Prussia) em terra a uma profundidade que póde ser de 7 a 10 metros, ou no mar, em Brusterort.

A pesca demanda um material apropriado, barcos, scaphandros, crocs, dragas, redes, etc., e exige esforços importantes e por isso mesmo uma robustez consideravel no pessoal.

O ambar no fim das companhas da pesca, que dura 10 mezes, é classificado segundo a côr. O de côr pallida é adquirido pelos fabricantes de boquilhas e cachimbos, o rajado de vellos esbranquiçados vae para Leorne e Veneza e serve para collares e adornos. O amarello puro serve tambem para enfeites e é vendido para Africa e Oceania. O ambar submarino é quasi sempre de aspecto vitreo e transparente completamente, o terrestre é geralmente rajado.

O banco de Brusterort fornece a variedade mais apreciada e vale 10:800 por kilogramma, sendo todavia este preço crescente com o tamanho dos fragmentos, analogamente ao que se dá com as pedras preciosas.

CARTA DE LISBOA

28 DE OUTUBRO DE 1889.

D'um collega nosso d'aqui, transcrevo o que elle diz sobre o funeral do Rei querido, que na terra teve o nome de Luiz 1.º O acto foi o mais imponente que desde muitos seculos Lisboa tem presenceado:

Esbatem-se ao longe, por sobre as aguas hoje escuras e marulhosas do Tejo, os rolos de fumo dos canhões, que troaram a derradeira despedida ao monarcha bem amado!... No ar passam os ultimos sons esmorecidos do dobre plangente dos sinos das egrejas!... De vez em quando uma nota mais aguda dos hymnos funebres, que vão acompanhando os soldados, que recolhem aos quarteis, atravessa vibrante como um grito afflictivo!... E toda aquella multidão enorme, que se amontoou compacta, n'um recolhimento solemne, desde Belem até S. Vicente,—desde o templo que recorda as grandes glorias de um reinado, até á crypta que recolhe os pequenos despojos humanos dos reis,—toda essa enorme molle, feita de muitos milhares de homens, unidos na mesma homenagem e na mesma saudade, vae-se escoando, agora, n'um silencio quasi religioso, feito d'uma tristeza tão geral, que é certamente a mais eloquente apotheose áquelle que soube reinar fazendo-se tão querido!...

Pódem, pois, desfazer-se os rolos de fumo dos canhões, calarem-se os dobres dos sinos, expirarem os ultimos sons dos hymnos funebres—a memoria do bom rei Luiz, não se apagará dos corações como essa nevoa que a polvora fez, não será só recordada ás orações do povo emquanto tanger nas egrejas o convite ás preces piedosas, não arrancará só prantos de saudade emquanto as musicas passarem gemendo inspirações tristes. Quem viu as lagrimas que hoje marejavam tantos olhos, o religioso respeito com que tantos joelhos se curvavam á passagem do feretro real; quem sondou a profundeza do sentimento publico—e mediu a extensão d'uma saudade tão geral,—sabe bem que só entram assim na Eternidade os que teem de viver sempre nas lendas queridas e amoraveis, conservadas pelas gerações com a meticulosa veneração, com que a hostia se guarda no sacrario dos templos. E que sacrario sacrosanto que é este, feito assim com a alma d'um povo inteiro!

Conta-se que um dos estrangeiros illustres que vieram compartilhar da nossa dôr, e render o preito da homenagem dos outros povos ás grandes qualidades de el-rei D. Luiz, ao entrar no grandioso templo dos Jeronymos, depois de relancear a magestosa grandeza d'aquellas naves arrojadas, erguendo-se com uma elegancia tão firme e tão impressionadora, attentando no contraste entre o luto do povo e a escassez de crepes que revestia o templo, reparando nas lagrimas que anuviavam todos os olhos e nos montões de flôres depostos sobre o athaude, dissera, commovido:

— Felizes os que assim acabam! «Na vereda da justiça está a vida: no «caminho da sua carreira não ha morte»! Estas palavras do livro do propheta sagrado por Nathan, do rei *pacifico*, como lhe chamam as Escripturas,—de Jedidiah, como o denominavam os que lembram que o filho de Bethsabée era o *querido do Senhor*, foram bem e expressivamente evocadas! Não ha a morte para o rei que caminhou durante a vida na vereda da justiça, nem póde pezar a terra a quem um povo assim colloca sobre uma alfombra de flôres, para que durma tranquillo o somno da eternidade!

. . . .

Pódem, pois, desfazer-se os rolos de fumo dos canhões, calarem-se os sinos, expirarem os ultimos sons dos himnos funebres:—a memoria do bom rei Luiz, não se apagará dos corações como essa nevoa que a polvora fez, não será só recordada ás orações do povo emquanto tanger nas egrejas o convite ás preces piedosas, não arrancará só lagrimas de saudade, emquanto as musicas passarem, gemendo. A sua memoria fica, no sacrario sacrosanto da alma d'um povo inteiro!

AS RUAS DO TRANSITO

O prestito funebre seguiu, como estava determinado no programma, das Neccessidades pela travessa do Sacramento, Pampulha, Janellas Verdes, Aterro da Boa Vista, Corpo Santo, Arsenal, Terreiro do Paço, Ribeira Velha, Terreiro do Trigo, Jardim do Tabaco, Fundição, Paraizo, Campo de Santa Clara e Arco Grande de S. Vicente de Fóra.

Todas estas ruas estavam completamente apinhadas de povo e as janellas, muitas cobertas de pannos pretos, estavam cheias de senhoras trajando rigoroso luto.

Quando passou o coche conduzindo o real cadaver, muitos rostos se inundaram de lagrimas, muitos olhos se orvalharam, ao verem passar pela ultima vez o rei que tão adorado e querido foi do seu povo.

Desde pela manhã muito cedo que começou affluir grande numero de pessoas a Belem, e em Santos, Aterro, Junqueira, no Terreiro do Paço, largo do Pelourinho, Corpo Santo e largo de Santa Clara, já muito antes do cortejo ali chegar era tão compacta a multidão, que não havia possibilidade de por ali se transitar.

AS TROPAS

Logo pela manhã muito cedo houve um movimento geral nas tropas que se dirigiram para os differentes pontos marcados na ordem do quartel general a formarem brigadas, que depois, se foram postar nas ruas do transito.

As tropas que tomaram parte no cortejo foram as seguintes:

Corpo de marinheiros e regimento de engenheria, de artilheria n.os 1 e 4, cavallaria n.º 2 do principe D. Carlos, cavallaria 4 do imperador da Allemanha Guilherme II, caçadores n.º 1, n.º 2 de caçadores da rainha, n.º 5 de caçadores de el-rei, caçadores n.º 6, infanteria n.os 2, 5 do imperador da Austria, Francisco José, 7, 11 e 16.

Estes regimentos formavam d'este modo as brigadas:

Os corpos de cavallaria 2 e 4 constituiam uma brigada sob o commando do sr. general de brigada, José Joaquim Henriques Moreira.

Os corpos de caçadores 1, 2, 5 e 6, e de infanteria 2, 5, 7, 11 e 16 constituiam uma divisão sob commando do sr. general de brigada, José da Rosa, dividida em tres brigadas, a primeira formada pelos regimentos de caçadores 1, 2 e infanteria 2, commandada pelo sr. coronel Leotte; a 2.ª por caçadores 5, e infanteria 5 e 16, commandada pelo sr. coronel Pina Vidal; e a 3.ª pelos regimentos de caçadores 6 e infanteria 7 e 11, commandada pelo sr. coronel Côrte Real.

Os marinheiros formaram em linha no largo dos Jeronymos, dando a direita á egreja, seguindo-se a estes pela rua Direita de Belem Junqueira, até ao Calvario os regimentos de engenheria, artilheria 4, e os de infanteria e caçadores, pela ordem das brigadas que acima enumerámos.

Estes regimentos abriam alas para a passagem do prestito, alas que depois se uniram seguindo os corpos atraz do cortejo em columnas a distancias inteiras com fileiras abertas e com as armas ao hombro.

O regimento de artilheria n.º 1 formou em linha na Junqueira, proximo ao Calvario, onde aguardou o prestito, marchando depois em columnas de secções atraz da infanteria.

A cavallaria formou em massa na praça de D. Fernando, em frente do palacio real de Belem.

Quando o prestito chegou a S. Vicente o regimento de artilheria 1 destacou um grupo de duas baterias, que formaram junto da grade do hospital de marinha, com a frente para o Tejo. Estas duas baterias e que deram as salvas quando o cadaver de el-rei deu entrada no Pantheon. As restantes baterias formaram em seguida áquellas, junto ao muro de supporte do jardim de Santa Clara.

Ao chegar o prestito ao templo de Vicente de Fóra, toda a força de cavallaria formou em linha na rua da Infancia dando a direita ao largo de S. Vicente, e as tropas apeadas formaram tambem em linha no largo de S. Vicente, rua do Arco de S. Vicente, parte de baixo do mercado de Santa Clara, largo do Hospital de Marinha e ruas do Paraizo e do Museu de Artilheria, apoiando a direita na rua da Infancia. O desfilar das tropas fez-se do seguinte modo:

A força de marinheiros, 2.º batalhão de caçadores n.º 1, os regimentos n.º 2 de caçadores da rainha, infanteria n.º 2 e n.º 5 de caçadores de el-rei retiraram para quarteis, pela rua de S. Vicente, a força de cavallaria da guarda municipal, a brigada de cavallaria e o regimento de engenheria pela rua da Infancia; o regimento de artilheria n.º 4 e o primeiro batalhão de caçadores n.º 1 directamente para o seu quartel; o regimento n.º 5 de infanteria do imperador da Austria Francisco José e o de artilheria n.º 1 pela rua da Veronica: o regimento de infanteria n.º 16 e caçadores n.º 7 e 11 e a força de infanteria municipal pela rua do Paraizo.

Todos os corpos de infanteria deram as descargas do estylo.

O PRESTITO

A's 9 horas em ponto começou a organisar-se em Belem o prestito, mas eram tantos os trens, tantos os convidados, que só perto das 10 horas é que principiaram a desfilar as primeiras carruagens.

O esquadrão de lanceiros 2, que formára em frente da egreja dos Jeronymos, constituia a guarda avançada. Em seguida tomaram logar as carruagens, em numero de 341, conduzindo os presidentes do supremo tribunal de justiça, relação e todos os demais tribunaes, a camara municipal de Lisboa, os conselheiros, e bem assim todos os individuos que formam a côrte, e representantes de associações e corporações, guardando-se a ordem e a precedencia devida ás respectivas cathegorias. Vimos, entre outros, os seguintes srs:

Conselheiro Joaquim José de Andrade Pinto, dr. Tito Castello Branco, dr. Joaquim José Rodrigues da Camara, Vasconcellos, Abreu, dr. Cesario Abreu, dr. Sotto Mayor, dr. J. A. Neves, conde de Casal Ribeiro, Lourenço de Carvalho, Chrystovão Ayres, visconde de Carnide, Francisco Simões Margiochi, general Xavier Machado, Fernando Palha, dr. Matheus dos Santos, Victoriano Estrella Braga, José da Costa Pedreira, Joaquim Pedro Seabra Junior, José Martinho da Silva Guimarães, D. Luiz Breton y Vedra, dr. Antonio Candido, Elyseu Xavier Sousa Serpa, dr. Fernando Mattoso dos Santos, Francisco Freire de Aboim, Fernando Augeja, Gomes Netto, Rosa Araujo, Simões de Almeida, Joaquim Pereira Alves, João Vieira da Silva, Paulo Porto Alegre.

J. Conceiro, Manuel Carrilho Garcia, Brito Aranha, Zeferino Brandão, Polycarpo Anjos, marquez de Pomares, Ludgero Vianna, visconde de Alferrarede, conde de Franco, Agostinho de Ornellas, Carlos Lisboa, Gouveia Pinto, Manuel José Monteiro, dr. Carvalho Monteiro, Augusto Lobato, dr. Pedroso de Lima, Antonio Maria Raposo de Sousa Alte, Possidonio da Silva e filho, D. Fernando de Sousa Coutinho, D. Francisco de Sousa Coutinho, Ramalho Ortigão, Antonio Joaquim Alves Valladares, conde de Restello, Antonio Duarte da Cruz Pinto, José Joaquim Ferreira Lobo, general Lamare, Gama Lobo Lamare, coronel Maciel, Mousinho de Albuquerque.

Alfredo Pereira, Bernardino Caria, Vicente Monteiro, Pinheiro Chagas, Francisco de Castro Monteiro, dr. Virgilio Machado, Joaquim Emilio Sant'Anna Castello Branco, Cyrillo Machado, Antonio Cardoso Avelino, Augusto Neuparth, Carlos Eugenio de Almeida, Julio Carlos Abreu e Sousa, visconde de Melicio, João da Matta, visconde de Ottolini, dr. Francisco Ferraz Macedo, dr. José Carry da Camara Cabral, dr. Manuel Nicolau Bettencourt Pitta, Rodrigo Augusto Teixeira Penha, João Augusto Marques, dr. José Joaquim da Silva Amado, visconde de Moreira de Rey, D. Luiz da Camara Leme, conde de Calhariz de Bemfica, dr. José Joyce, dr. Gaspar Gomes.

Peito de Carvalho, conde de Sobral, conde da Ribeira, Carlos Testa, Antonio Jose de Avila, conde de Almedina, Hermann de Moser, João Dally Alves de Sá, marquez de Angeja, Lopo Vaz, Filippe Gama, Antonio Emilio Correia de Sá Brandão, Francisco Joaquim da Costa e Silva, Manuel Gualdino da Cunha, Polycarpo José de Azevedo, Antonio Ennes, Prospero Peragallo, José Julio Rodrigues, João José de Sousa Telles, Tarujo, Luiz Caetano Pedro de Avila, visconde de Sanches de Baena, Miguel Queriol e filho, dr. Martinho Tenreiro, H... que Lopes de Mendonça, general Ar...s Moreira, João Carlos Pessoa de Amorim, Joaquim Costa, visconde de Coruche, dr. Cunha Bellem, M. Chaves, visconde de Paço de Arcos, Hygino de Mendonça, Lagrange, Eduardo Pinto Bastos, Antonio Jervis de Athouguia Pinto Bastos, Jacintho Eduardo Brito Seixas, José Joaquim Peixinho, Raphael Peixinho, Fernando de Oliveira, Augusto Victor dos Santos, Antonio Eduardo Villaça, Theodoro da Motta, contra-almirante Seabra Preto, Cunha Seixas, João Pedro Diogo Patrone, Joaquim José Machado, capitão F. J. Machado, Gomes de Brito, Fernando Pedroso, Rodrigo Pequito, Luciano Cordeiro, Augusto Bobone, João Rosa, Antonio Maria do Couto Monteiro, Emygdio Navarro, Joaquim Hemeterio de Sequeira, visconde de S. Marçal, Julio Carneiro, Joaquim de Vasconcellos Gusmão, A. Montenegro, Estevão de Oliveira, José Maria dos Santos, conde da Louzã, Guilherme Celestino, Luiz Torres Mascarenhas, dr. Venancio Deslandes, Augusto Cesar Guimarães da Silva, Joaquim Baptista Ribeiro, Carlos Freitas Jacome, Manuel Fernandes Coelho, dr. Arantes Pedroso, dr. Carlos Tavares, dr. Bettencourt Raposo, engenheiro Vasconcellos Porto, Marcos Maria Fernandes, Cau da Costa e filho, Alberto Pimentel, visconde de Feitosa, Carlos Lobo d'Avila, Oliveira Martins, Antonio de Serpa, Julio de Vilhena, Thomaz Ribeiro, Manuel d'Assumpção, Elvino de Brito, Tito de Carvalho, Antonio Maria Pereira Carrilho, capitão Forte Gatto, dr. Francisco Alberto de Sousa, Cardoso Callado, dr. Bernardino Machado, Jayme Arthur da Costa Pinto, João Arroyo, Hintze Ribeiro, José de Sande Mexia Salema, Augusto Cesar Ferreira de Mesquita, Arnaud, dr. Eduardo de Abreu, Antonio Augusto Pereira de Miranda, Henrique de Macedo, conde de Penha Longa, capitão Xavier Machado, conde de Villa Real, conde de Valenças, conde de Alte, capitão Carlos Pessoa de Amorim, Ferreira do Amaral, Custodio Broja, Hermenegildo Capello, Roberto Ivens, conde de Ribeiro da Silva, marquez de Bellas, marquez da Foz, José Guedes, Marianno de Carvalho, conde de S. Januario, João Santhiago, Mendonça Cortez, Joaquim Veiga, governador civil dr. Carlos José de Oliveira, João Chrysostomo de Abreu e Souza, barão de Wacker-Gotter, mr. de Fontou, ministros dos estrangeiros, obras publicas, marinha, justiça, presidente do conselho de ministros, conde de Steenbock. Marquez de Fronteira, Antonio Castilho, conde da Figueira, general Malaquias, conde de Bomfim, tenente coronel Barrancho, conde de Cabral, Francisco Wanzeller, Jayme de Carvalho, visconde de Sobreda, Antonio José de Avila, marquez de Sabugosa, etc. etc. Em seguida 3 porteiros de canna de capa e volta a cavallo e seis criados da casa real tambem a cavallo. A estes seguiam-se n'esta ordem:

A musica dos bombeiros; deputações dos bombeiros voluntarios de Lisboa, Belem, Almada, Olivaes, Porto, Setubal, etc., etc.; phylarmonica de Cascaes; associação de soccorros mutuos 15 de setembro; carteiros; associação Antonio Augusto de Aguiar; operarios de tabacos; cigarreiras de Xabregas; operarios e accendedores da companhia Gaz de Lisboa; associação União Luzitana; associação dos cosinheiros; guardas da Penitenciaria; associação de soccorros mutuos; operarios da Empreza Industrial Portugueza, conduzindo uma corôa de ferro, e seguidos pelos srs. condes de Burnay, Mauricio de Oliveira Martins, Leon Lacombe e pessoal superior da fabrica; administração e empregados superiores da companhia real dos caminhos de ferro do norte e leste; associação musical de Lisboa; marinheiros do *Sirius* e do *Dragão* e do *Amelia* pertencentes a suas magestades; Real Associação Naval com estandarte; marinheiros das guigas Amelia, Aura, Gavina; Surpreza, Alvor, Maria, Estrella, Irene; real academia de amadores de musica; alumnas da Escola Normal levando uma corôa; asyladas de Santa Catharina; escola real de Mafra; escola real das Necessidades; differentes associações; varias escolas; escrivães da Boa Hora; estudantes da escola Polytechnica; estudantes do lyceu; estudantes da Universidade de Coimbra; collegio das irmãs pobres com as irmãs de caridade; seis criados da casa real a cavallo, depois dos quaes seguiram os coches da casa real, sendo um de respeito coberto de preto, com as corôas, e outro armado em camarim tambem com corôas.

No primeiro coche ia a comitiva dos principes estrangeiros. No segundo os veadores das duas rainhas, os srs. conde de Mossamedes e Antonio de Vasconcellos e Sousa e o sr. conselheiro Nazareth. No terceiro o conde de Villa Nova da Cerveira e contra-almirante Baptista de Andrade. No quarto o mordomo-mór conde de Ficalho, o mestre sala conde das Alcaçovas e o reposteiro-mór visconde de Varzea. No quinto os embaixadores de França, da Turquia e do Japão. No sexto os principes de Hohenzollern e de Edimburgo e o sr. infante D. Affonso. No setimo sua magestade el-rei, os srs. duque de Aosta e duque de Montpensier. No oitavo o capellão da casa real, beneficiado Almeida e um acolyto. No nono o sr. Camillo José dos Santos, levando a corôa real coberta de crepe. No decimo dois ajudantes levando a espada e o capacete do defunto monarcha. O undecimo era o carro de respeito, completamente cheio de corôas. O duodecimo conduzia o corpo e era todo coberto com o resto das corôas. Os seis primeiros coches e o oitavo, o nono e o decimo eram tirados a tres parelhas e o setimo e os dois ultimos tirados a quatro parelhas, amantadas de preto.

Ladeando todos os coches tomaram logar criados da casa real fardados e com tochas, e aos lados do coche funebre seguia uma dupla fila de criados e de archeiros da casa real.

Estes coches, imponentes, teem a seguinte historia, pela ordem que acima os enumerámos:

Coche de D. João V, mandado construir por aquelle rei em 1705;

Coche de D. Manuel.

Coche de D. José I, mandado construir por este rei em 1750;

Coche de D. Marianna de Austria, offerecido pelo imperador de Austria, D. José, a sua irmã D. Marianna de Austria, por occasião do casamento d'aquella princeza com el-rei D. João V, em 1708;

Coche de D. Affonso XI, feito em Paris em 1665 e offerecido por Luiz VIX á princeza D. Maria Francisca Izabel de Saboya, quando veio para casar com el-rei Affonso VI, em 1666;

Coche de D. Francisco, feito em Paris em 1727 por mandado do infante D. Francisco, irmão de João V.

Tres coches berlindas, chamados de el-rei D. Pedro II, mandados construir por occasião do casamento de D. Pedro II com D. Maria Sophia Izabel de Neuburgo, e estreiados em 20 de agosto de 1687, na solemnidade da entrada publica d'aquella soberana em Lisboa. O duque estribeiro-mór, o commandante da guarda real, e o chefe da casa militar de el-rei, todos a cavallo, postaram-se ao lado do coche funebre, o primeiro junto á ultima roda, e o segundo e o terceiro atraz do estribeiro-mór, e d'elle separado para o lado da outra roda do coche.

Atraz seguiam os ajudantes de campo de el-rei, os officiaes ás ordens de sua alteza e todos os officiaes dos regimentos de cavallaria.

Apoz iam os regimentos de lanceiros 2, cavallaria 4, corpo de marinheiros, regimentos de engenheria, de artilheria, caçadores 1, 2 5, de infanteria 1, 2, 5, 7, e 16 e guarda municipal. O almirante commandante da esquadra ingleza pediu para desembarcar as forças de bordo a fim de tomarem parte no cortejo. Foi-lhe muito agradecida a attenção, que as leis do reino não permittiam acceitar.

Ao chegar o cortejo a S. Vicente as tropas tiveram a collocação a que n'outro logar alludimos.

ENCOMMENDAÇÃO EM S. VICENTE

Quando o cortejo funebre passou em frente da Conceição Velha em conformidade com as velhas praxes, veio a collegiada d'aquella egreja benzer e espargir o corpo com agua benta.

Concluidas as encommendações pozse o cortejo novamente em marcha em direcção ao regio pantheon, onde tinha de recolher-se o corpo á sua ultima morada. A fachada de S. Vicente, fria e de aspecto severo, tinha por unico adorno os crepes que revestiam os arcos das tres portas de entrada para o templo, e os que cobriam a balaustrada que corre sobre o edificio, entre as duas torres. O templo, dentro, é vasto e de linhas simples.

A abobada, curvando em bahu, é dividida em caixotões e apoia-se sobre pilastras largas coroadas de capiteis ornados com feixes de setas e folhas espalmadas. Sobre o cruzeiro ergue-se o zimborio, nu, cortado de janellas, apenas ornamentadas por uma pequena ramagem em pedra.

A capella-mór é como um prolongamento da abobada que cobre todo o resto da egreja; é igualmente apainelada em caixotões, e morre tambem sobre os mesmos capiteis de pilastras.

Entre o côro de balaustrada muito simples e a grade do cruseiro—ha d'um e do outro lado tres altares, que estavam cobertos por pannos pretos bordados a oiro. Este mesmo adorno era o que se via pendente em toda a capella-mór, onde os bordados de oiro destacando sobre os crepes davam um effeito solemne e magestoso.

Além das paredes, na capella-mór, todo um largo e rico panno alamascado, com as duas côros cobria o altar. Do docel pendiam duas longas sanefas negras franjadas de oiro e seguras em cima pelas figuras em talha que coroam todo o altar.

Ao centro, sempre sobre o docel do altar, uma facha de velludo segura pelo anjo que empunha uma trombeta doirada, tinha bordadas a prata *L. I.*

As corôas reaes que encimam as duas tribunas, abertas nas paredes da capella-mór, estavam cobertas de crepes, assim como os nichos dos dois grandes archanjos que estão ao lado do altar, e como a triplice bancada disposta d'um lado e do outro da mesma capella. N'estas bancadas sentavam-se, da direita do altar os dignitarios da côrte, os ajudantes de suas magestades e altezas; na da esquerda, os ministros de estado honorarios, dignitarios da egreja, e os membros do governo, que entraram no cortejo.

Ao centro da capella-mór estava levantada uma eça simples, forrada a preto e oiro, como as outras duas, erguidas, uma ao fundo do templo e a outra um pouco abaixo da balaustrada que divide o cruzeiro da nave ou corpo da egreja. As tres eças eram, cada uma, rodeadas de dezeseis tocheiros, eguaes aos que bordavam os degraus da capella-mór e a entrada das capellas.

No recinto do cruzeiro levantavam-se, da direita do altar-mór, a grande tribuna do corpo diplomatico, revestida de panno preto franjado a prata, e em seguida a dos representantes militares estrangeiros, forrada a preto e oiro; e do lado esquerdo do altar estendia-se uma outra tribuna grande forrada como a primeira, e onde assistiam as corporações scientificas, deputações das duas casas do parlamento, membros da academia real das sciencias, ministerio e em frente d'esta tribuna, mas no pavimento da egreja, ficava a tribuna da imprensa.

Para a direita d'esta, na direcção da capella-mór, era o espaço reservado para os generaes, officiaes generaes e officialidade de marinha, entre a qual, no meio do maior movimento de respeito de todos quantos o viram, se foi sentar o velho patrão Joaquim Lopes, o benemerito marinheiro, já tão alquebrado e tremulo.

Em frente, adiante da tribuna diplomatica, era o espaço marcado para os representantes dos diversos municipios, para moços fidalgos e fidalgos cavalleiros, para o corpo consular, para os addidos e secretarios de embaixada, portuguezes, etc. O municipio de Lisboa tinha logar na capella.

Em duas alas, os alumnos militares de marinha faziam a guarda do cruzeiro até aos degraus da capella-mór. Nas bancadas do cruzeiro, que ficam encostadas á balaustrada, tomaram assento membros do clero e alguns officiaes.

Em cadeiras, á esquerda da tribuna da imprensa, ficou a commissão de estudantes da universidade e outras pessoas.

Para baixo da teia, representantes dos corpos do exercito do ultramar e varias commissões e representantes de instituições e sociedades diversas.

No resto do templo e nos claustros uma enorme concorrencia.

O cortejo entrou no templo ás 3 horas e um quarto. A' frente ia o conde de veador e o visconde reposteiro-mór acompanhando a corôa real. Depois vinha toda a casa militar de suas magestades e alteza e em seguida o feretro. Pegavam ás borlas os srs.: conde de Ficalho, mordomo-mór; duque de Loulé: duque de Palmella; marquez de Alvito; marquez de Sabugosa; marquez de Bellas; marquez de Fronteira; marquez de Angeja. Logo a seguir ao feretro ia sua magestade el-rei o sr. D. Carlos I, acompanhado dos duques de Aosta e de Montpensier e sua alteza o sr. infante D. Affonso, acompanhado pelo principe de Hohenzollern e que todos tomaram em seguida logar na tribuna da direita da capella-mór. Em frente, na da esquerda, assistia sua magestade a rainha D. Maria Pia, acompanhada pela duqueza de Aosta.

OS RESPONSOS

Os responsos foram resados: o primeiro, pela irmandade da Misericordia e o segundo pelo cabido da Sé Patriarchal. Logo que o corpo deu entrada na capella-mor deu-se começo á missa, com grande instrumental. Em seguida cantou-se o *libera-me*, sendo a ultima benção lançada por sua eminencia o sr. cardeal patriarcha, depois do que foi o cadaver removido para o Pantheon real. Terminadas as ceremonias organisou-se o prestito da seguinte fórma: a ordem Terceira de S. Francisco, uma collegiada de padres, o cabido da Sé, sua eminencia o cardeal patriarcha, a urna funeraria, S. M. a rainha D. Maria Pia, el-rei D. Carlos, o infante D. Affonso e os seus ajudantes, os principes e o ministerio.

Chegados ao pantheon, a urna foi collocada sobre um estrado e coberta com um panno preto, sobre o qual foram depostas a corôa, a espada e o capacete, depois do que foi resado o ultimo responso, lançando sua eminencia a ultima absolvição. Em seguida lavrou-se um auto em duplicado, que foi assignado pelos ministros, dignitarios e varias pessoas da côrte.

Um termo da entrega foi recebido pelo sr. cardeal patriarcha, a quem se entregou tambem uma das chaves do caixão. A outra chave ficou para ser depositada na Torre do Tombo, guardando-se o duplicado do termo no ministerio do reino.

Feito isto, o mordomo-mór prestou juramento de se acharem encerrados na urna os restos mortaes de sua magestade el-rei D. Luiz, e de terem sido por elle vistos e reconhecidos antes do encerramento. E assim terminaram as ceremonias funebres em honra d'esse monarcha, cuja morte foi verdadeiramente sentida, porque elle teve sobre tudo a grande qualidade bella, entre todas—a bondade.

O PANTHEON DOS BRAGANÇAS

No regio pantheon de S. Vicente de Fóra, onde estão os restos dos reis e principes da casa de Bragança, ficou depositado sua magestade el-rei D. Luiz. O jazigo é quadrilongo, decorado com arcadas e pilares de cantaria em barretes de abobada de tres angulos vivos ou salientes e dois reintrantes, guarnecidos e arriquados de pedra lioz. Mede 38 metros de comprimento sobre a 9,75 metros de largura e 7,50 de altura. Dos dois lados é guarnecido com eças geraes, subdivididas todas em apainelados de mosaico em marmore de côres. No centro ha duas eças com quatro faces, com embutidos de marmore e decorações em alto relevo. Na parte superior do jazigo ergue-se o altar em mosaico, com guarnições eguaes ás das eças.

A porta do jazigo é de ferro fundido, com elegantes e primorosos festões. No arco que a fórma veem-se as armas portuguezas em relevo doirado. A ante sala do jazigo mede 16 metros de comprimento sobre 9,75 de largura. A porta é de vinhatico, com grandes almofadas. Sobre ella, n'um largo tarjão de ferro, lê-se a seguinte inscripção, em letras de bronze doirado:

Real jazigo
dos monarchas, principes,
e mais pessoas reaes
da serenissima casa de Bragança
que, no reinado de sua magestade
el-rei D. Pedro quinto,
mandou erigir seu augusto pae
el-rei D. Fernando segundo,
regente do reino
1855

No centro do pantheon estão levantadas duas eças, a primeira com o corpo do rei soldado, D. Pedro IV, e a segunda onde estava D. Pedro V, o ultimo reinante que ali foi depositado, que foi removido para junto da rainha D. Estephania.

N'esta eça é que foi collocada a urna com os restos mortaes do sr. D. Luiz. Do lado esquerdo encontra-se o tumulo da infanta D. Izabel Maria, fallecida em 22 de abril de 1876; D. Amelia, fallecida no Funchal a 4 de fevereiro de 1853; imperatriz D. Amelia, fallecida a 26 de janeiro de 1873; os dois infantes D. João e D. Fernando, fallecidos, aquelle a 27 de dezembro e este a 6 de novembro de 1861; infante D. Augusto, fallecido a 26 de setembro de 1889; da rainha D. Estephania, fallecida em 17 de julho de 1859; D. Pedro V, fallecido a 11 de novembro de 1861; rainha D. Maria II, fallecida em 15 de novembro de 1853; do principe D. Augusto, fallecido a 28 de março de 1835; rainha D. Carlota Joaquina; rei D. João VI, fallecido a 10 de março de 1826; principe D. José, filho de Pedro III, fallecido a 11 de setembro de 1788; infanta D. Maria Clementina, fallecida a 20 de julho de 1776; a infanta D. Maria Isabel, fallecida a 14 de janeiro de 1777; seguem-se ainda tres caixões, contendo os restos mortaes de mais tres filhos menores de D. Maria II. Do lado direito estão os foretros do infante D. João e da infanta D. Maria, filha de D. Maria II.

Seguem-se os do rei D. Pedro III, fallecido em 25 de maio de 1786; a rainha D. Maria Francisca; infanta D. Maria Dorothéa, fallecida em 14 de janeiro de 1771; principe D. Pedro, filho de D. João V; D. João V, fallecido em 31 de junho de 1750; rainha D. Marianna de Austria; infante D. Carlos, fallecido em 30 de março de 1736; infanta D. Francisca Josepha, filha de D. Pedro II, fallecida a 15 de junho de 1736, e seus irmãos o infante D. Manuel, fallecido a 3 de julho de 1776; infante D. Antonio, fallecido a 20 de outubro de 1757; infante D. Francisco, fallecido a 21 de julho de 1742; rainha D. Maria Sophia, mulher em segundas nupcias de D. Pedro II, fallecido a 4 de julho de 1699; rei D. Pedro II, fallecido em 9 de dezembro de 1700; e o rei D. Affonso IV, fallecido nos paços de Cintra a 12 de setembro de 1665.

NOTAS SOLTAS

A nova companhia do gaz accendeu os candeeiros das ruas por onde passava o cortejo, cobrindo-os de crepe.

A banda de musica da guarda municipal tocou durante o prestito, além de diversas marchas já conhecidas, uma escripta pelo contra-mestre da mesma banda, o sr. Thomaz Del-Negro, e feita sobre o hymno de sua magestade el-rei D. Luiz.

As janellas da séde da associação dos bombeiros voluntarios de Belem e as do sr. conde de Restello estavam adornadas exteriormente com crepes.

Foram 132 corôas as depostas junto da urna funeraria de el-rei D. Luiz. Já aqui successivamente descrevemos todos, algumas de grande valor e de aprimorado gosto artistico. A dos srs. condes de Burnay era de ferro, figurando follias de carvalho excellentemente trabalhadas.

Hontem, ultimo dia de exposição do cadaver de el-rei, foi extraordinaria a concorrencia de povo aos Jeronymos. O desfilar fazia-se lentamente, entre duas ordens de policias, postados no altar-mór, junto do feretro que emergia d'uma montanha de corôas. O aspecto interior do templo era d'uma grandiosidade magnifica, e n'esse *décor* magestoso parecia que a romagem do povo, accudindo a ver o seu rei morto, tinha um caracter de ultimo preito mais grave e solemne. Perante o cadaver de el-rei, *hirto no seu athaude* de mogno, passou já, respeitosa e commovida, quasi toda, senão toda a população de Lisboa. Hontem á noite, apesar do tempo estar tempestuoso, a affluencia continuou sendo avultada, e até á madrugada não cessou de desfilar gente diante do feretro real.

O dignissimo reitor do lyceu de Portalegre, sr. conego Adolpho Ernesto Motta, em seu nome e no do corpo docente d'aquelle instituto, convidou os alumnos do lyceu e os habitantes da cidade para assistirem a uma missa por alma do mallogrado monarcha e para uma sessão solemne, que em acto consecutivo se realisará, commemorativa de tão grande perda, n'uma das salas do mesmo lyceu.

A camara municipal de Aveiro fez-se representar pelo sr. tenente coronel José Estevão de Moraes Sarmento, promotor dos conselhos de guerra, e a commissão executiva da junta geral do districto de Aveiro pelo seu presidente, o sr. deputado Barbosa de Magalhães.

Hontem, suas altezas reaes, o duque e a duqueza de Aosta, largaram de bordo do transporte que os trouxe a Portugal, e vieram n'um escaler desembarcar ao caes de Belem. D'alli, suas altezas reaes, acompanhadas pela sua comitiva e pelo sr. ministro de Italia, todos de grande uniforme, dirigiram-se á egreja dos Jeronymos. Entrando no templo, a duqueza de Aosta ajoelhou diante do catafalco, e esteve

resando durante alguns minutos, assim como o duque.

Em seguida acercaram-se dois marinheiros italianos, portadores d'uma corôa de folhas de loiro verdes e doiradas, coberta com um crepe. A bandeira real de Saboya, azul, com a agnia, e tendo o escudo da casa real de Italia, enrola-se em torno da corôa. O duque de Aosta desenrolou por suas proprias mãos esta bandeira, deixando-a prender sobre a base da eça.

A corôa é offerecida em nome de sua magestade o rei Humberto e da familia real italiana, como lembrança saudosa do seu querido parente él-rei D. Luiz. Por uma delicada attenção a corôa foi envólvida na baudeira real, antigo estandarte da casa de Saboya, que unicamente costuma ser deposto sobre o sarcophago dos reis de Italia.

O duque de Aosta trazia o grande uniforme de general, com a grã-cruz das ordens portuguezas. A duqueza, que é d'uma formosura e elegancia notaveis, trajava *toilette* de luto rigoroso, com um grande veu de crepe.

Suas altezas reaes, sahindo da egreja, dirigiram-se directamente em carruagens da casa real para o paço da Ajuda, onde foram recebidos por sua magestade a rainha D. Maria Pia, com a qual se achava tambem sua magestade a rainha D. Maria Amelia.

O encontro de suas magestades e altezas foi commovente e affectuoso.

Foi nomeado introductor dos embaixadores o sr. conde de Lavradio, que é o conde mais moderno.

Esteve exposta na livraria do sr. Afra, na rua do Oiro, a corôa que a corporação dos officiaes da armada depôz no ataúde de el-rei D. Luiz E' formada de folhas e flôres de setim preto com as folhas orladas de oiro; ao centro está collocada uma ancora de prata de meio metro de altura; da corôa pendem largas fitas de *faille* preto, saindo d'um *bouquet* de rosas chá; a legenda diz: «Ao seu almirante el-rei D. Luiz, a corporação da armada.»

Consta-nos que a mesma corporação vae offerecer a sua magestade a rainha D. Maria Pia um riquissimo album com capa de velludo negro todo enfeitado a prata, e illustrado com o resumo da vida maritima do finado monarcha. Toda a corporação assignou esse album em testemunho de sentida magua pelo infausto acontecimento.

A esquadra ingleza, que veiu assistir ao funeral, e que entrou no Tejo, é composta dos navios: Corveta *Active*, commandante C. G. Robinson, 358 praças, 12 peças, 3:080 toneladas e 4:130 cavallos. Corveta ingleza *Volage*, commandante W. D. Achand, 351 praças, 12 peças, 3:080 toneladas de registro, com força de 4:630 cavallos. Corveta *Calipso*, commandante conde F. Metaxe, 310 praças, 16 peças, 2:770 toneladas, 3:720 cavallos. Transporte italiano *America*, commandante Carlo Grillo, 460 praças, 4 peças. Corveta *Rover*, 14 peças, 3:460 toneladas e 4:960 cavallos. A *Rover*, que se distanciou um pouco do resto da esquadra, só hontem deu entrada.

A associação de soccorros mutuos de S. Pedro de Alcantara lançou na acta um voto de sentimento pela morte do monarcha.

Sobre o tumulo do fallecido monarcha foi ainda hoje depositada uma corôa pelo sr. Ferreira Ribeiro, Antonio, em nome do monte-pio hespanhol de beneficencia, do Porto, denominado D. Affonso XIII.

Até ás 11 1|2 da noite de hontem, hora a que fechou o commissariado geral de policia, foram distribuidos 975 bilhetes de livre transito, sendo:

Para associações que acompanharam a pé o prestito.....	117
Para carruagens.....	707
Para os *reporters*.....	151

AS COROAS

E' impossivel dar uma nota, absolutamente completa, das corôas que foram depostas no feretro real. A nota, porém, que conseguimos organisar, é a seguinte: De sua magestade a rainha D. Maria Pia, de suas magestades el-rei D. Carlos e rainha D. Maria Amelia, de suas magestades os imperadores da Allemanha, de sua magestade a rainha Victoria de Inglaterra, de sua magestade a rainha regente de Hespanha; de suas magestades os reis de Italia, de sua magestade o rei da Suecia, de suas altezas os condes de Paris, de sua alteza a princeza Clementina de Saxe Coburgo, de suas altezas os principes de Hohenzollern, de sua alteza a sr.ª infanta D. Antonia, de suas altezas os duques de Aosta, de sua alteza o sr. infante D. Affonso, do presidente da republica do Mexico, do governo, dos ministros estrangeiros, das casas civil e militar de sua magestade, dos medicos da real camara, dos empregados do paço, da academia real das sciencias, da sociedade de geographia, do club naval, da academia de bellas-artes, da academia de Coimbra, da escola polytechnica, da escola do exercito, do atheneu commercial do Porto, do atheneu commercial de Braga, da associação commercial do Porto, da camara municipal do Porto, da camara municipal de Braga, da camara municipal de Coimbra, da camara municipal de Santarem, da camara municipal de Cintra, da camara municipal de Borba, da officialidade da marinha real, da officialidade da 1.ª divisão militar, da officialidade da guarnição do Porto, dos veteranos da marinha, dos officiaes inferiores dos corpos da guarnição, do corpo de marinheiros, do regimento de caçadores 5, do regimento 20 de infanteria prussiana, dos sargentos com baixa, dos operarios do arsenal do exercito, dos manipuladores de tabacos do Porto.

Da associação industrial portugueza, da Beneficencia portugueza do Rio de Janeiro, do Retiro litterario portuguez, do Gabinete portuguez de leitura, do Congresso portuguez do Rio Grande, da Beneficencia brazileira em Portugal, dos bombeiros voluntarios da Ajuda, dos bombeiros voluntarios de Lisboa, do Asylo D. Luiz, do Asylo profissional do Rio de Janeiro, do Asylo de Mendicidade de Lisboa, das casas de asylo de Lisboa, do asylo da Ajuda, da casa pia de Lisboa, dos albergues nocturnos, da associação humanitaria do Porto, da colonia allemã de Lisboa, das colonias inglezas de Lisboa e Porto, da colonia italiana, da colonia gallega, da colonia portugueza de Campinas (Brazil), da associação Antonio Augusto de Aguiar, da orchestra da real camara, da empreza da *Malla Real*.

Da imprensa nacional, do *Diario de Noticias*, do *Lisboa-Coimbra*, do *Diario Illustrado*, da administração dos tabacos, do governador civil de Lisboa, dos administradores dos bairros, da policia civil, dos habitantes de Cascaes, da provincia de S. Thomé e Principe, da provincia de Angola, da camara municipal de S. Vicente de Cabo Verde, da India portugueza, da companhia dos caminhos de ferro atravez de Africa (Loanda Ambaca), do presidente da camara municipal de Lisboa, dos marquezes da Foz, dos condes de Almedina, dos condes de Restello, do conde de Valenças, do conde de S. Salvador de Mathosinhos, do visconde da Silveira, dos condes de Burnay, dos artistas do theatro da rua dos Condes, da empreza do Colyseu de Lisboa, dos estudantes da academia de Bellas-Artes, do gymnasio club, dos professores e alumnos da escola normal de Lisboa, dos professores de esgrima Petit e Cid, da fanfarra dos marinheiros.

Da escola academica, do sr. S. Negrão (Paris), dos escrivães de direito, do sr. Polycarpo Anjos, da associação dos empregados do estado, da companhia real dos caminhos de ferro, dos empregados da fiscalisação dos caminhos de ferro portuguezes, da sociedade da Cruz Vermelha, da empreza do porto de Lisboa, da officialidade de engenheria militar, do corpo do estado maior, dos empregados do hospital de S. José, do monte-pio Fraternidade das Senhoras, da irmandade de Santa Cecilia, da real irmandade do Santissimo dos Martyres, da associação de beneficencia de Caparica, do administrador e empregados da casa de Bragança, dos alumnos do collegio do Resgate, dos distribuidores do telegrapho, da associação de agricultura, da escola de torpedos, dos aspirantes de marinha, da associação dos engenheiros civis, do club naval portuguez, da officina de S. José do Porto, dos Bancos do Porto, dos empregados do commercio do Porto, d'um grupo de populares, de varias familias gratas á memoria de el-rei, da familia de Manuel Innocencio.

— O *Times*, o grande jornal inglez, publica a biographia d'el-rei D. Luiz, e consagra ao extincto soberano palavras da maior sympathia. Diz elle:

O finado soberano mostrou ser um habil governante, e comquanto durante algum tempo depois da sua elevação ao throno não podesse constituir governo estavel, dos ultimos annos foram ininterruptas a paz e a prosperidade de Portugal. A ultima insurreição que houve foi capitaneada em 1870 pelo conspirador veterano o duque de Saldanha. O rei Luiz nunca deu prova de maior prudencia do que quando fechou os ouvidos ás suggestões e machinações do general Prim para effectuar a união da Hespanha e Portugal sob o sceptro da casa de Bragança... O rei Luiz era amigo de reformas, como se evidenciou pela transformação da Camara Alta, de hereditaria que era em vitalicia. Tambem se distinguiu pela sua cultura intellectual e pelo seu gosto litterario. Em 1877 publicou uma traducção em portuguez do *Hamlet* de Shakespeare. A esta seguiu-se em 1880 uma traducção do *Mercador de Veneza*, e n'este mesmo anno completou o rei a de *Ricardo III*..... Attendendo-se á enorme difficuldade que ha em apresentar Shakespeare n'uma lingua estrangeira, as traducções do rei Luiz eram notavelmente habeis e fieis.

O *Moniteur de Rome*, cujas ligações com o Vaticano são bem conhecidas, dedica egualmente um artigo á memoria de el-rei D. Luiz. Refere-se a S. M. a Rainha a senhora D. Maria Pia, «cuja alta piedade todo o mundo conhece e que desempenhou os deveres de Rainha e de esposa dedicada junto do leito de seu augusto esposo até ao ultimo momento». E accrescenta as seguintes palavras: «Esta morte prematura a funda na dôr e no luto a nação fidelissima, privando-a d'um soberano que illustrou o seu reinado pela larga parte que tomou em todas as grandes emprezas que illustram as nações, e que ficarão como inextinguivel recordação do seu reinado.»

— Por proposta do conde de Almedina, a Academia de Bellas Artes de Lisboa vae crear uma medalha, que será annualmente conferida como premio ao alumno mais distincto da Escola de Bellas Artes e será denominada *Premio D. Luiz I.*

— O conhecido cambista sr. Antonio Ignacio da Fonseca estabeleceu na sua loja, na rua do Arsenal, sob a sua firma, uma secção para a compra e venda de fundos publicos nacionaes e estrangeiros e outras operações de natureza bancaria.

— De 10 de novembro proximo em diante o serviço dos chamados comboios de operarios passará a ser semanal e com ligação com as linhas do Minho e Douro, e Orense a Vigo, abrangendo a nova linha ferrea de Oeste Cintra, Torres, etc. Os preços entre Lisboa e Porto ou vice-versa ficarão os mesmos, isto é, 1$200 réis em 3.ª classe. Para as novas linhas combinadas os preços são os seguintes: Lisboa a Braga ou vice-versa 1$500 réis; Lisboa a Valença ou vice-versa 1$800 réis; Lisboa a Vigo ou vice-versa réis 2$250; Lisboa a Monforte ou vice-versa. 2$700 réis. Das linhas de Oeste: Figueira da Foz a Lisboa, Porto ou Braga 1$000 réis, a Valença 1$300 réis, a Vigo 1$800 réis.

Y.

CARTA DE FOZCOA

28 DE OUTUBRO DE 1889.

Ha n'esta villa, como em muitas outras, um habito, que alliando em si a barbaridade com a estupidez, produz funestos resultados e consideraveis prejuizos. Chama-se o jogo da *Batalha*, em que tomam parte todas as creanças do sexo masculino, da edade de 8 annos até homens de 30 a 40 annos. Principia sempre por divertimento entre as creanças mais valentes e destemidas até que, tomando proporções consideraveis de furor e enthusiasmo, chegam a sahir para campo homens armados de rewolver, disparando tiros uns contra os outros, e debatendo-se braço a braço. Este divertimento que consiste em jogar a pedrada, quer á mão, quer á funda, realiza-se sempre nos campos semeados recentemente, quando os cereaes principiam a apparecer, produzindo, como se deve presumir, consideraveis prejuizos á agricultura e á lavoura. E' nos domingos, dias de descanço para os trabalhadores e creanças, que se repetem n'esta epoca essas scenas desagradaveis de pugilato, em que dois grupos, um do Castello e outro de S. Miguel, pretendem disputar a palma da victoria. E' barbaro e estupido realmente. Não ha força humana que possa conter n'essa torrente desenfreada de desespero e enthusiasmo, os contendores, ainda que, alguns, creanças. Tem sido improficuos todos os esforços da auctoridade para acabar de vez com similhante divertimento, que tem produzido consequencias funestissimas. Todos os annos se publicam editaes prohibindo esse jogo, e todos os annos a policia prende e ha ferimentos entre os luctadores. Baldados esforços! Tudo cae por terra perante o furor tresloucado de jogar a pedrada e sahir-se vencedor partindo qualquer cabeça. Rapazes no vigor da edade, homens casados e viuvos, tudo segue e auxilia as creanças no campo da lucta para alcançarem a victoria e ufanarem-se com o triumpho. Triste victoria, triste divertimento! O lar domestico respira ás vezes miseria e desventura, quando os chefes de familia o descuram e se embrenham em jogos perniciosos e immoraes. A esposa e filhinhos trituram de frio e fome ao pé da lareira emquanto o pae, entregue a este e outros identicos divertimentos e banalidades, se esquece de seus deveres paternaes e sociaes, não ganhando como devia o mister para a sua sustentação, antes desperdiçando o que a esposa poupa a troco de milhares de sacrificios qual d'elles mais penoso e afflictivo! E' isto o que se passa em Fozcôa com essa malandragem que vagueia todos os dias pelas ruas, sem trabalho, sem applicação, e que gasta o tempo jogando a pedra e mentindo, com esse seu proceder incorrectissimo —um funesto exemplo na geração futura, como succede com a presente. A auctoridade administrativa d'este concelho, sempre zelosa e activa no cumprimento de seus deveres, não se poupa a fazer reprimir quanto possa estes abusos e a evitar que produzam funestas consequencias. Eis o edital que s. ex.ª acaba de publicar sobre o assumpto:

«Para obstar a graves desordens, frequentes rixas e prejuizos que ordinariamente resultam do jogo da *Batalha*, n'esta villa, e que como divertimento é barbaro e desmoralisador; como medida preventiva e de repressão contra este acto contrario á ordem e tranquilidade publica, faço saber o seguinte:

Todo o individuo do sexo masculino de qualquer edade que fôr encontrado tomando parte no jogo denominado *a Batalha*, quer arremessando pedradas, quer instigando a que outros o façam, será preso e considerado como desobediente aos mandados da auctoridade.

§ unico. Para o caso do artigo antecedente, os paes, mães ou tutores, serão responsaveis pela transgressão dos filhos e menores tutelados. Para conhecimento etc. O administrador do concelho. *João Ignacio Carrapatoso.*»

— A camara d'este concelho pretende mandar rezar uma missa suffragando a alma de Sua Magestade El-Rei D. Luiz I., tão cêdo roubado aos carinhos da nação inteira, que o respeitava.

— A commissão do recenseamento eleitoral, na sua sessão ordinaria de hontem, em que nomeou os presidentes para as assembleias que hão-de eleger os vereadores e o procurador á Junta Geral, e de que é presidente o sr. doutor Julio de Moura, lançou na acta um voto de profundo sentimento pela morte do monarcha, associando-se a esta manifestação o sr. administrador do concelho que assistiu á sessão.

— Vence o governo a eleição camararia n'este concelho, obtendo a maioria. Ignoro ainda quem seja eleito presidente.

— Abriram hoje as aulas e repartições publicas.

Correspondente.

SECÇÃO AGRICOLA

A ENXERTIA NO OUTOMNO

Não é uma novidade o enxertar-se a vinha n'este época. Lembra-nos que o distincto viticultor de Torres Vedras, o sr. Joaquim G. Belfort, em tempo nos deu noticia da enxertia no outomno, que elle pratica com resultado na sua quinta de Charnixe, hoje já em grande parte reconstituida com as cepas americanas.

Nós não aconselhamos este systema para toda a parte; a sua proveitosa adopção depende de experiencias que cada um deve fazer na sua propriedade; mas affigura-se-nos que esta enxertia será sobretudo vantajosa para fazer a retancha dos enxertos que falharam na primavera anterior, porque o desenvolvimento dos enxertos do outomno acompanha o crescimento dos que foram feitos na primavera.

E' em setembro, principios de outubro, que deve praticar-se esta enxertia, quando ainda as cepas conservam restos de vegetação e teem já as varas completamente *atempadas*. O processo manual não differe dos que são conhecidos, mas exige cuidados especiaes. A amontoa deve ultrapassar a extremidade dos garfos, de sorte que se conservem sempre resguardados do frio, da neve e da acção directa das chuvas, para o que é muitas vezes necessario accrescentar mais terra, quando as chuvas façam abater a amontoa feita.

Para que os trabalhadores não desloquem os enxertos, é conveniente deixar em cada garfo, que é talhado a dois ou tres olhos, todo o entre-nó, que serve de guia aos trabalhadores, é cortado junto ao olho immediato.

O sr. Marques, de Torres Vedras, que é um cultivador muito illustrado de cepas americanas, usa um processo muito simples para effectuar a amontoa dos enxertos sem perigo de serem deslocados os garfos, como succede facilmente quando os operarios não teem o cuidado necessario.

E' o seguinte:

Colloca um tubo de lata em volta de cada enxerto, enche-o de areia, e chega em seguida a terra, retirando depois o tubo para continuar do mesmo modo a amontoa dos outros garfos.

O enxerto fica assim resguardado dos choques a que está sujeito pelo pouco cuidado dos trabalhadores, e a areia, em que fica envolvido, concorre, mórmente se a terra do viveiro ou da plantação é argilosa, para lhe preparar um meio mais favoravel á soldadura e ao seu desenvolvimento ulterior.

Este processo é muito simples e muito pratico. Recommendamol-o aos nossos leitores para todas as enxertias, seja qual fôr o systema seguido e a epoca em que se effectuarem.

Em agosto seguinte desfaz-se a amontoa afim de que o sol endureça a soldadura; e aproveita-se a occasião para cortar todas as raizes que porventura o garfo tenha lançado. Mais tarde, em outubro, torna-se a chegar a terra para proteger a soldadura dos frios do inverno.

Na enxertia do outomno podem escolher-se bons garfos nas cepas visinhas das que se querem enxertar, com restos ainda de vida e isentas das doenças cryptogamicas, o que é de grande vantagem. E os enxertos, assim feitos, despontam na primavera seguinte acompanhando o crescimento das outras cepas, e influenciados pelo mesmo sol que favorece o desenvolvimento da vegetação.

A ligadura com rolha deve ser preferida a todas as outras. Temos noticia dos excellentes resultados d'esta ligadura em enxertias de estaca sobre estaca, sempre superiores a qualquer outra, não só pela perfeição e solidez das solduras, mas ainda pela maior percentagem de enxertos vingados.

A *Pinça Aliés* é o instrumento usado para ligar as duas metades da rolha com dois fios de arame ferro.

Esta ligadura dá uma solidez perfeita aos enxertos e uma justaposição completa das surperficies em contacto do garfo e do cavallo; exerce uma pressão regular e elastica de modo que nem um nem outro é esmagado no seu desenvolvimento; isola mais o garfo do solo, de maneira que lança menos raizes adventicias e por consequencia aproveita melhor toda a seiva do cavallo; e, finalmente, evita a formação do *nó* ou *borrelete* em volta do ponto de união do garfo e do cavallo, que, como se sabe, constitue um grave obstaculo á livre circulação da seiva e é origem de necroses que, por vezes, põem em risco a vida dos enxertos.

A ligadura com a *Pinça Aliés* tem sido usada pelos viticultores de Torres Vedras, que mais cultivam e tratam as cepas americanas, e tanto para a enxertia *sur-place*, em que esta ligadura facilita o enxerto acima do solo, como para a enxertia na mão e em viveiro, um tal systema tem vantagens manifestas.

A. e B.

SECÇÃO LITTERARIA

OS TRES CAMINHOS

I

Tres raparigas, Rosa, Rosalia, e Rosalina, encontraram-se, no paiz dos sonhos, em uma encruzilhada, que se bifurcava em tres caminhos.

A primeira d'estas raparigas tinha 15 annos, a segunda 16, e a terceira 17.

Tres viajantes e tres caminhos á escolha.

— E's tu, Rosa?

— E's tu, Rosalia?

— E's tu, Rosalina?

Todas tres tinham praticado n'esse dia a loucura de abandonarem a casa paterna, para correrem em busca de aventuras.

Rosa era filha de um fidalgo.

Rosalia descendia de um abastado burguez.

Rosalina era filha de um taberneiro.

II

Jornadeando sósinhas e sem guia, não sabiam as louquinhas, por qual dos caminhos deviam optar.

Para onde se dirigiam ellas? Para a Felicidade.

Ai de nós! é no rasto da felicidade que segue, desde o primeiro dia, a eterna caravana das illusões humanas!

As tres viajantes detiveram-se perplexas.

— E se nós lessemos, lembrou Rosa, os letreiros que estão escriptos n'aquellas taboletas?

— Lel-os-hemos, disse Rosalia.

— Mas eu não sei ler, objectou Rosalina.

Na taboleta, collocada no principio do caminho mais largo, estavam escriptas as seguintes palavras:

«Meninas de cabellos de oiro, dignas de cingir uma corôa, prefiram este caminho, se querem gosar o orgulho triumphal de serem princezas e rainhas!»

Rosa accudiu:

— A minha escolha está feita. Adeus, meninas.

Na taboleta do segundo caminho, lia-se:

«Donzellas que experimentarem o desejo de conhecer as ineffaveis delicias do amor, escolham este caminho.»

Rosalina disse:

— A minha escolha está feita. Adeus, meninas.

Então Rosalina, supplicou:

— Visto que eu não sei ler, expliquem-me o que se acha escripto na taboleta da estrada mais estreita.

N'essa taboleta lia-se:

«Acredita-me, creança, que jornadeias! Prefere este caminho! Não posso dizer-te aonde elle conduz; não te levará nem para a gloria, nem para o amor; e entretanto, é o melhor de todos».

— Pois bem, volveu Rosaliua, será esse que eu escolherei! Boa viagem, minhas senhoras.

Antes de se separarem as tres combinaram encontrar-se d'ali a um anno no mesmo dia, á mesma hora, na encruzilhada, para ahi referirem as suas aventuras, e saberem qual fôra a que melhor escolhera.

III

Apenas deu os primeiros passos na gloriosa estrada, Rosa viu encaminhar-se ao seu encontro uma deslumbrante multidão de embaixadores e cortezãos. Vestiam todos magnificos fatos de cores vistosas, recamados de bordados a oiro e conduziam urnas cheias de reluzentes pedrarias. Os embaixadores, seguidos pelos camaristas, vinham pedir para um illustre monarcha a mão da viajante Rosa. Rosa concedeu, sem difficuldade, a mão que tanto se empenhava em pegar n'um sceptro, n'essa mesma noite. Rosa fez a sua solemne entrada no palacio do maior rei do mundo, ao som das acclamações das musicas, que a festejavam. O rei possuia um bom numero de vassallos, um interminavel numero de exercitos, uma profusão exhuberante de thesouros e glorias, e uma bella barba branca que lhe chegava á cintura.

IV

Na outra estrada, Rosalina não encontrou nenhum cortejo pomposo, mas em compensação viu um bonito rapaz de vinte annos, que se lhe prostrou aos pés, exclamando:

— Ah! como eu te amo e, como sou feliz, podendo colher nos teus labios a divina ambrosia do beijo. Segue-me até á espessura mysteriosa da floresta, vamos assentar-nos na sombra perfumada dos salgueiros que soluçam como corações ebrios de amores! Ou então, se acaso receias os perigos da solidão no bosque, conduzir-te-hei á minha casa no alto da collina, e ahi longe dos importunos, os nossos corações confundir-se-hão no extasis de um olhar, profundo como uma eternidade!

E Rosalina, ouvindo-o, disse, sem hesitar:

— Vamos!

V

Rosalina caminhou por espaço de muito tempo, seguindo pela estrada mais estreita, orlada de espinhos e pedregulhos. Ninguem lhe apparecia, nem embaixadores que imploravam em nome do seu illustre amo, nem namorados que sabem por onde se vae para os bosques silenciosos, ou para as discretas thebaidas nupciaes.

Anoitecera, e ainda a pobre rapariga não encontrara um folego vivo. Toda a terra empallidecera, innundada pelo melancholico luar. Então fatigada, morta de fome e de sede, com os pés feridos pelas pedras, Rosalina assentou-se no chão: n'esse momento uma forma branca surgiu por detraz de um salgueiro, cingiu-a nos braços, esqueleticos e desarticulados, e com uma bocca sem dentes que não se movia, fallou-lhe assim:

— Vem, eu sou aquella que não engana nunca! Sou a constante! Sou a unica amante, ou o unico amante, conduzir-te-hei para um leito, frio sem pesadellos e sem acordar.

Rosalina disse:

— Tenho medo!

Mas não luctou, e deixou-se arrastar pelos dois braços esqueleticos e desarticulados.

VI

Decorrido o anno fixado, no mesmo dia e á mesma hora, Rosa e Rosalina compareceram na encruzilhada, onde se bifurcavam os tres caminhos; quanto a Rosalina, tardava; mas era de suppôr que não deixasse de vir.

— Ah! exclamou Rosa, não são as triumphaes glorias dos fatos ricos e das festas sumptuosas que constituem a felicidade. Acaba a gente por enfastiar-se de ver tantos subditos obedientes e tantos exercitos victoriosos; e o aspecto de um esposo, assentado debaixo do docel, acariciando com a sua regia mão tremula a sua augusta barba branca, não é de natureza a dissipar o nosso aborrecimento.

Em seguida, Rosa chorou, reconhecendo que não tomara pelo caminho que seria indispensavel seguir para encontrar a felicidade.

— Ah! suspirou Rosalia, os mais apaixonados não deixam de ser infeis. Depois de ephemeras alegrias, soffrem eternas dôres! Os labios que nos sorriam todas as divinas esperanças, vemol-os, dias depois, contrahidos pela pallida e contrafeita mentira, sob a qual se occulta a traição; e é terrivel esperar, á noute, durante as longas horas da vigilia, á luz da véla tão lentamente e tão rapidamente consumida, aquella que trará na barba e no cabello, se por tentura recolher a casa, o perfume de uma rival.

Em seguida, Rosalia, chorou, reconhecendo que não tomára pelo caminho que seria indispensavel seguir para encontrar a felicidade.

E em quanto Rosa e Rosalia se levantavam, Rosalina não apparecia.

Porque faltaria ella á promessa jurada? Que obstaculo a deteria? Deitada n'esse leito muito frio, deliciosamente frio, sem pezadellos nem acordar, que se chama o tumulo, Rosalina sentira-se tão bem que não queria levantar-se.

Catulle Mendes.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 24

Mappa dos espolios sob a administração do consulado portuguez do Pará, referido ao dia 31 de dezembro de 1888.

Diario de 25

Mappa dos valores dos espolios sob a administração do consulado portuguez da Bahia, referido ao dia 28 de fevereiro de 1889.

Diario de 26

Mappa dos valores dos espolios sob a administração do consulado portuguez da Bahia, referido ao dia 31 de março de 1889.

11

FOLHETIM

A. DUMAS, FILHO

A DAMA DAS CAMELIAS

V

— Uma boa rapariga, e muito bonita. Causou grande pena a sua morte.

— Não tinha um amante, chamado Armando Duval?

— Um rapaz alto e loiro?

— Sim.

— Tinha, é verdade.

— E quem era esse Armando?

— Um sujeito, que gastou com ella o pouco que possuia, creio eu, e que se viu obrigado a deixal-a. Estava doido por ella.

— E Margarida?

— Amava-o muito, segundo diziam, conforme aquellas mulheras podem amar. Ninguem lhes deve pedir mais do que o amor que ellas dispensem em certas circumstancias da vida.

— E que é feito de Armando?

— Não sei. Conhecio-o muito pouco. Sei que viveu uns cinco ou seis mezes na companhia de Margaria, mas no campo. Quando ella voltou a Paris, já vinha só.

— E nunca mais o tornaste a ver depois?

— Não.

Eu tambem não o tinha vista mais, desde o dia da sua visita. Chegava a perguntar a mim mesme se, quando elle se apresentou em minha casa, a nova recente da morte de Margarida não exagerara o seu amor d'outr'ora, e por conseguinte a sua dôr, e suspeitava que talvez esquecesse com a morte a promessa que me fizera de tornar a visitar-me.

Esta supposição seria verosimil, em relação a outro homem qualquer; mas havia realmente na desesperação de Armando o accento sincero d'uma profunda magoa; e passando d'um extremo a outro, imaginei que a dôr concentrada se lhe mudaria em doença, e que se não me dava noticias suas, era porque realmente estava enfermo, ou tinha morrido.

Interessava-me d'este modo extraordinario, por aquelle rapaz. Talvez n'esse interesse vislumbrasse o egoismo; talvez entrevisse n'aquella dôr uma historia intima e commovente do coração da mocidade; talvez, emfim, o meu desejo de o conhecer fosse uma consequencia do silencio de Armando.

O que é certo, porém, é que o sr. Duval não vinha a minha casa, e eu resolvi-me a ir a casa d'elle.

O pretexto não era difficil de encontrar; infelizmente não sabia onde morava, e todas as pessoas das minhas relações tambem não m'o souberam dizer.

Dirigi-me á rua d'Antin.

Era provavel que o porteiro da casa de Margarida se lembrasse da morada de Armando.

O porteiro, porém, era novo, e nada sabia. Perquntei em que cemiterio tinha sido enterrada Margarida Gautier.

— No cemiterio Montmartre, me disse elle.

Abril começava a florescencia das arvores e dos campos, e os tumulos já não podiam ter esse aspecto doloroso e desolado, que lhes dá o inverno humido e triste; havia já bastante calor para que os vivos se lembrassem dos mortos, e os visitassem.

Fui ao cemiterio, dizendo comigo: —A' vista do tumulo de Margarida, saberei se a dor de Armando existe ainda, e talvez advinhe o que é feito d'elle.

Entrei na loja do guarda, e perguntei-lhe, se a 22 de fevereiro uma mulher chamada Margarida Gautier tinha sido enterrada n'aquelle cemiterio. O guarda folheou n'um grosso livro, onde são inscriptos e numerados todos os que entram n'esse ultimo asylo, e respondeu-me que effectivamente a 22 de fevereiro, ao meio dia, uma mulher d'esse nome fôra enterrada no cemiterio de Mantmartre.

Pedi-lhe que me guiasse ao seu tumulo, porque é difficil caminhar, sem *ciceroni*, n'essa cidade dos mortos, que tem as suas longas ruas interminaveis, como a cidade dos vivos.

O guarda chamou um jardineiro, a quem deu as indicações necessarias, e que o interropeu, dizendo:

— Eu sei, eu sei. A sepultura é muito facil de reconhecer, continuou elle, voltando-se para mim.

— Porque? perguntei eu.

— Porque tem flores muito differentes das outras.

— E' você que trata das flôres?

— Sim, senhor; e só desejava que todas as familias tivessem tanto cuidado pelos seus mortos, como o rapaz que me recommendou a sepultura d'aquella mulher.

Depois de algumas, o jardineiro parou e disse-me:

— Aqui está a sepultura.

Com effeito, era um formoso canteiro de rosas, que ninguem julgaria ser um tumulo se uma lapide de marmore branco, e a sua inscripção funebre não determinassem o emprego do improvisado jardim.

Uma grade de ferro limitava o terreno comprado, e todo o terreno estava va coberto de camelias brancas e vermelhas.

— Que lhe parece isto? perguntou o jardineiro.

— Acho bonito.

— E quando uma d'estas roseiras murche, tenho ordem de plantar outra.

— Quem lhe deu essa ordem?

— Um rapaz, que esteve mais de duas horas a chorar a primeira vez que veiu aqui. Era amigo da fallecida, que foi uma linda moça, muito linda, segundo tenho ouvido dizer. O senhor conheceu-a, decerto.

— Conheci.

— Como o outro? disse o jardineiro, n'um sorriso de malicia.

— Não, nunca lhe fallei.

— E vem visitar a sua sepultura; é porque tem pena d'ella morrer tão nova. Se ha pessoas que se lembrem d'ella, não se incommodam a vir ao cemiterio.

— Não vem ninguem?

— Ninguem, excepto esse rapaz, que veiu aqui uma vez.

— E não tornou mais?

— Não, mas torna, quando voltar a Paris.

— Porque? Partiu para alguma viagem?

— Sim, senhor.

— Sabe para onde foi?

— Creio que foi á provincia, á terra da irmã da fallecida.

— Para que?

— Pedir-lhe auctorisação de desenterrar a morta, e mudal-a para outra sepultura.

— Pois não estava bem aqui?

— Talvez; mas emfim cada um tem lá as suas ideias a respeito dos mortos, quando os estima; vemos isso todos os dias. Este terreno foi comprado só por cinco annos, e esse rapaz quer uma concessão perpetua, e um terreno maior. O novo quarteirão do cemiterio é muito mais bonito, e a sepultura lá fica melhor ainda.

— Onde principia esse novo quarteirão do cemiterio?

— Quasi ao fim d'esta alameda, á esquerda. São terrenos novos, que se vendem agora. Se este cemiterio fosse sempre tratado com a devida attenção, póde crer que era o melhor do mundo; mas ha muito que fazer ainda, para que tudo fique como deve ser. E depois, se o senhor soubesse; sempre ha gente, que...

— Não se importa nada com os cemiterios, bem sei.

— Não senhor, não quero dizer isso. Ha gente que até aqui mesmo é soberba. Olhe, por exemplo, esta moça que me parece que teve uma vida airada, perdôe-me a expressão; pois bem, está morta, a pobre rapariga, e o que resta do seu corpo debaixo da terra é o mesmo, no meu fraco entender, que as cinzas das outras, que tem umas corôas de perpetuas, e uns vasos de flôres, que nós regamos todos os dias. Pois talvez não acredite; quando os parentes das pessoas, que estão aqui enterradas ao lado d'esta sepultura souberam quem era a fallecida, não se pozeram a gritar que não queriam que ella se enterrasse aqui, e que para certa ordem de mulheres devia haver um cemiterio á parte, como para os pobres?! Olhe que isto brada ao ceu! Pois ouvi-o eu com estes ouvidos. E então quem eram elles?

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

29 DE OUTUBRO DE 1889.

Depois do funeral d'El-Rei D. Luiz, que foi imponentissimo, como já lhe disse, não ha nada importante senão a recomposição ministerial, que vae operar-se. E' uma recomposição profunda porque sáem dois ministros, porque entram duas ou tres capacidades distinctas na alta governação do Estado, passando d'umas para outras pastas alguns dos actuaes conselheiros da coroa. Houve para isto conselho d'Estado hontem, e alguma cousa de definitivo se apurou a este respeito.

— Disse-se ha dias que se tratava d'uma aproximação entre os grupos regenerador e esquerdista. Não é verdade, pois, que a imprensa d'estas agrupações, que é orgão d'ellas, nunca se tratou mais agressivamente. E se não vejam. O que segue é da *Esquerda Dynastica* de hoje:

«*Uma historia.*—Uma folha serpaceia conta a seu modo e com audaciosa falsidade a historia da scisão do partido regenerador. Pois se apertar muito, recordar-lhe-hemos a historia completa da chefança e a epopêa offenbachiana das subscripções. Por'ora lembrar-lhe-hemos apenas que o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, um regenerador illustre d'outros tempos, tambem se afastou do conluio dos Cardaes, e que o sr. Fontes Ganhado, o sobrinho querido do glorioso chefe, ainda não teve animo para reconhecer a successão politica do tio. Se outras provas faltassem, que não faltam, a attitude d'estes cavalheiros seria testemunho insuspeito da razão com que o sr. conselheiro Barjona de Freitas engeitou o conluio de duas ambições rivaes para a exploração de uma illustre ingenuidade.«

Em vista d'isto não se póde crer que a fuzão se realise. E' impossivel por muitas razões.

— A noticia de que Sua Magestade a Rainha viuva irá rezidir na Italia é inteiramente falsa. A virtuosa Senhora não deixará seus filhos e seu neto—o enlevo querido do seu coração. Nem desampara os restos mortaes de seu estremecido marido, que vizitará assiduamente. Exemplo de espoza e de mãe, espirito forte, nervos d'aço—a Santa que tão portugueza é, não deixará o paiz a quem tanto quer.

— O *Jornal do Commercio*, antiga folha d'aqui, faz a seguinte declaração:

«Por escriptura publica, assignada ultimamente, adquiriu o sr. Eduardo Burnay metade da propriedade d'este jornal. E' mantendo na qualidade de proprietario que este sr. assume de hoje em diante a completa direcção d'este jornal, permanecendo, todavia, affastado de qualquer intuito politico, especialmente partidario. O sr. Christovão Ayres, a cujo zelo e intelligencia este jornal tanto deve, conserva o seu logar de redactor em chefe.»

— Como já lhe disse, em S. Vicente, antes das absolvições finaes, o sr. cardeal patriarcha proferiu uma pequena allocução a respeito do rei fallecido. O *Diario de Noticias* apresenta um extracto que diz ser d'aquella allocução, mas as *Novidades* dizem que o discurso foi muito outro, que produzira impressão desagradavel e criticam-o severamente. A verdade dos factos é a seguinte:

«O patriarcha pediu um padre-nosso pelo monarcha fallecido. Disse que a morte nivelava todas as condições; que tinham acabado as grandezas e que estava só o peccador, o qual gemia nas penas do purgatorio. Mettendo deslocadamente uma referencia biblica, disse que devia haver caridade para os peccadores, porque a proposito da mulher adultera, já Christo dissera «que lhe atirasse a primeira pedra o que se achasse sem culpas». Insistiu em que o rei estava no purgatorio e de lá só o podiam tirar as nossas orações. Disse algumas palavras, muito poucas, elogiando el-rei e terminou exaltando o merecimento das orações dos fieis para resgatar as faltas dos peccadores. Este discurso, inconvenientissimo, na presença da rainha viuva, de el-rei, do infante D. Affonso, dos principes estrangeiros e de toda a mais assistencia que enchia o templo, produziu em toda a gente a mais desagradavel impressão. Uns attribuiam-o a simpleza de espirito do prelado, que é tido por pouco atilado; outros á expressão de resentimento, de censuraveis propositos pouco evangelicos. O patriarcha nunca foi bem visto no paço. O fallecido rei não sympathisava com elle. Por esse motivo, e apesar de ser pelo seu cargo capellão-mór do paço, o patriarcha só foi chamado para applicar a extrema-unecção. Sabe-se que elle estava magoadissimo com esse affastamento e que em Cascaes se queixara amargamente. Apesar d'isso não se acredita que elle de proposito désse tão reprehensivel expansão aos seus resentimentos n'uma solemnidade d'aquellas. Corre que o incidente terá consequencias. Diz-se que o nuncio fôra ao paço dar uma satisfação á rainha viuva e ao rei e communicar-lhes que participará o facto para Roma. Apreciando-se o caso só pelo lado ecclesiastico, extranha-se que o patriarcha alterasse por sua auctoridade o ritual liturgico, introduzindo nas encommendações uma allocução que o ritual não auctorisava. E ainda mais que tendo o nuncio declarado que ouvira o moribundo de confissão e lhe lançara a benção papal com absolvição plenaria, o patriarcha désse como assentado e certo que o fallecido estava nas penas do purgatorio, o que só muito hypotheticamente podia admittir-se, mas não affirmar-se. Este incidente, rapidamente propagado pelo artigo das *Novidades*, é assumpto de todas as conversações.»

— Os *Pontos nos ii*, cuja publicação tem estado suspensa ha tempo, por motivo da demora em Paris do seu director e do seu collaborador artistico, reapparecem ámanhã, sendo este numero completamente dedicado aos funeraes de D. Luiz, e publicando grande numero de croquis; o summario é o seguinte:

:: Rei D. Luiz—D. Maria Pia e seu neto — Fac-simile d'um desenho original de D. Luiz, e que pertence ao sr. conde de Villa Nova da Cerveira — O Rei morto (croquis de Cascaes) — O prestito sahindo da citadella—A camara ardente no edificio dos Jeronymos—O cruzeiro da egreja de S. Vicente durante o *Libera me*—A tribuna do corpo diplomatico em S. Vicente—Notas a lapis (chronica por Pan-tarantula).

— Sua Magestade a rainha viuva declarou a seu irmão o duque de Aosta que desejava ficar entre os portuguezes, junto de seus filhos, e perto dos restos mortaes de seu marido.

— Um dos creados da casa real pela muita lama, perdeu um sapato, e como lhe fôsse impossivel caminhar, descalçou o outro, dizendo que queria assim acompanhar o seu real amo até á ultima morada.

— Consta que vae celebrar-se uma missa campal no campo das Salesias, e a que assistirá todo o exercito, em suffragio da alma do defunto soberano.

— A' frente dos actores portuguezes que se encorporaram no regio cortejo, ia Taborda que el-rei distinguia com uma particular estima.

— Foram 202 as corôas que se depositaram junto da urna funeraria de el-rei D. Luiz. Custaram algumas para cima de 500$000 réis.

— Segundo consta não se realisa a velha ceremonia da quebra dos escudos.

— Os principes estrangeiros que aqui se acham foram hontem passeiar a Cascaes, exceptuando o duque de Edimburgo, que adoeceu assim que chegou a Lisboa, motivo porque não compareceu no funeral de El-Rei D. Luiz. S. A. foi para bordo de um navio da esquadra ingleza e ainda não sahiu de lá.

— O sr. duque de Montpensir almoçou hontem no palacio da legação de Hespanha e de tarde regressou a Madrid, no comboio expresso.

— Começa a debater-se na imprensa a questão do monumento a S. M. El-Rei D. Luiz. Uns opinam por que lhe deve ser erigida uma estatua e já n'esse sentido abriu um dos mais importantes jornaes d'esta capital uma subscripção para ella, e outros entendem que o monumento está sendo generalisado de mais, e por isso, não contrariando mais applaudindo a consagração da memoria de tão bondoso monarcha, o melhor modo de a perpetuar é edificando um hospital modelo com o seu auriolado nome, pois sabe-se que era o seu pensamento constante a realisação de tão beneficente instituição. No entanto a idéa do monumento avança.

— O sr. duque de Edimburgo desembarcou para passeiar na cidade e comprou alguns sêllos postaes que lhe faltavam nas suas collecções, que parece serem as mais notaveis e completas das conhecidas.

— Dizem que a rainha Victoria telegraphou a el-rei D. Carlos, sentindo que o duque de Edimburgo não podesse ter assistido ao funeral de el-rei D. Luiz.

— Vão retirando as pessoas reaes que vieram assistir ao funeral d'El-Rei D. Luiz.

— O sr. duque de Montpensier andou hontem passeando, em carruagem descoberta, pelas ruas da cidade.

— Sua alteza o sr. duque de Edimburgo partiu hontem no *Sud express*, demorando-se quatro dias em Madrid, onde ficará hospede da rainha regente.

— Partiu hontem para Madrid o sr. duque de Montpensier.

— Vae ser nomeado official-mór da casa real o sr. conde de S. Mamede.

— Partiu para Braga o sr. conde de S. Januario.

— Chegaram ante-hontem a Lisboa dois comboios de operarios conduzindo 3:090 passageiros do norte do paiz, e cerca de 5:000 volumes de bagagem.

— A abertura das aulas do Collegio Militar, que se verificará a 2 de novembro, não é solemne por causa do luto pela morte de El-Rei D. Luiz.

— Verifica-se ámanhã a abertura das aulas da Eschola Naval.

— Veio de Londres a sr.ª condessa de Chancelleiros.

— Receberam a cruz da Legião de Honra os srs. engenheiros Pedro Ignacio Lopes e Manuel Affonso Espregueira.

— Vieram de Hamburgo para a Companhia Real dos Caminhos de Ferro 1:041 volumes de material de wagons.

— Regressa hoje ao Porto o sr. deputado Francisco de Castro Gomes Monteiro.

— O comboio operario seguiu para o Porto com 680 passageiros.

— Consta, por noticias de Moçambique, que o consul inglez deliberára que o territorio dos *makolobos* estava sob a protecção ingleza, o que motivára um protesto energico por parte do governador de Quelimane.

— A policia prendeu 61 gatunos, que ha dias vieram do Porto. Já tinham bom farnel. Foi-lhes apprehendido um relogio e corrente de ouro, um annel e uma bolsa de prata. O relogio tinha sido palmado em Belem e a bolsa em Santa Clara. Traziam em dinheiro trinta mil reis e duas cautellas de penhor de objectos roubados.

— Já está na alfandega o material completo do balão dirigivel, invento do major de artilheria sr. Cypriano Jardim. Vem a bordo do vapor *Ville de Anvers*, pesa 1:400 kg. e tem o valor declarado de 31:000 francos.

— Consta que um grupo de illustres medicos da capital, tendo á sua frente o sr. dr. Bettencourt Rodrigues, vae fundar em Lisboa uma sociedade que se destina ao estudo da anthropologia.

— Na arma de artilheria vão ser promovidos: a tenente coronel os majores srs. Gaspar de Faria Machado Schiappa Roby e Alfredo Augusto Schiappa Monteiro de Carvalho, ambos fóra do quadro, entrando para o quadro n'aquelle posto o sr. major de art. 1 sr. Carlos Augusto Palmeirim; no quadro dos majores deve entrar para a effectividade o sr. Novaes Guedes Rebello, actualmente na disponibilidade. Na arma de cavallaria é promovido a coronel o sr. tenente coronel Luiz Cabral Gordilho de Oliveira Miranda.

— Faz hoje 33 annos que se inaugurou o nosso primeiro caminho de ferro—a linha de Lisboa ao Carregado.

— Sua alteza real o principe de Hohenzollern é acompanhado pelo conde de Arnim, filho do distincto diplomata allemão d'este titulo, que tanto figurou na politica allemã, e que foi alvo d'uma implacavel perseguição por parte do principe de Bismarck.

— Vão ser inspeccionados todos os coches da casa real, sendo recolhidos ao museu nacional todos aquelles que, pelo seu estado, não possam servir nos prestitos solemnes da côrte.

— Vae brevemente começar a ornamentação da camara dos srs. deputados para o acto da acclamação do novo rei. Foram encommendados dois grandes retratos do rei para substituir os de sua magestade o sr. D. Luiz I, que se acham ainda sob os doceis das camaras dos pares e deputados.

— Sua magestade el-rei o sr. D. Carlos tenciona, por occasião da sua acclamação, commutar a pena a alguns reos condemnados pelos tribunaes civis e militares.

Y.

MOVIMENTO MARITIMO

BARRA D'AVEIRO

Entradas em 26

Hiate *Auxiliador*, do Porto, vazio.

Chalupa *Georgina*, do Porto, com massa de papel.

Em 28

Hiate *Jovem Julia*, de Caminha, vazi.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA D'OURO

É esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL «SINGER»

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

ARMAZENS DA BEIRA

RUA DE SANTA CATHARINA 184 A 186-A

RUA FORMOSA 253 A 257-A

PORTO

COMMERCIO DE PANNOS

Alta novidade em fazendas nacionaes e estrangeiras para a estação de inverno, recentemente chegadas.

Especialidade em casemiras de phantasia para casacos de senhora, e em malhas para fatos de meninos.

CONFECÇÕES POR MEDIDA

Executam-se, sem necessidade de prova, fatos para homem e creança, bem como casacos para senhora, para o que se enviam instrucções sobre o modo de tirar as medidas.

Satisfazem-se pedidos d'amostras, e para a provincia todas as encommendas são enviadas franco de porte.

FERRO QUEVENNE

Unico APPROVADO pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS

É o ferro no estado puro e, desde 50 annos, reconhecido o mais poderoso dos ferruginosos para curar: ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS, DORES de ESTOMAGO, etc. — Vende-se; 1ª em Pó; 2ª em Grageas.

EM. GENEVOIX, 14, Rue des Beaux-Arts, PARIS. — *Desconfie-se das imitações impuras.*

Exijir o Sello da "UNION des FABRICANTS."

LIVERPOOL, BRAZIL & RIVER PLATE MAIL STEAMERS

Cargas do Porto, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Porto Alegre e Pelotas.

COM TRASBORDO EM LISBOA

A frete corrido e conhecimento directo, **em vapores a sahirem quinzenalmente do Porto.**

Para informações dirigir-se aos

Agentes no Porto

A. J. Shore & C.ª

57—Rua dos Inglezes.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequeaos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

PARIS

GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

Requisite-se

o catalogo general illustrado, em portuguez ou em francez, contendo 590 gravuras (muitos inedits) para a ESTAÇÃO d'INVERNO que se remette *gratis e franco* a quem o pedir em carta devidamente franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & Cie

PARIS

Este Catalogo indica as condições para a expedição *franco de porte* em todos os paises do mundo.

São igualmente enviadas franco as amostras de todos os tecidos que compõe os immensos sortimentos do *PRINTEMPS* especificando-se bem os generos e os preços.

Interpretes para todas as Linguas.

A disposição das pessoas que desejem visitar os Armazens.

CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:

TRAVESSA DE S. NICOLAU 102-1º.

As pessoas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Cha. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a reconnecar tantas vezes quanto for necessario.

5fr.e2fr.50

DOENÇAS DO ESTOMAGO

PASTILHAS e PÓS

PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contras Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Réis. — PÓS: 1,200 Réis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

GARGANTA

VOZ e BOCCA

PASTILHAS DE DETHAN

Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca. Effeitos perniciosos do Mercurio. Irritação causada pelo fumo, particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.

PREÇO: 600 REIS.

Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, Pharm. em PARIS.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

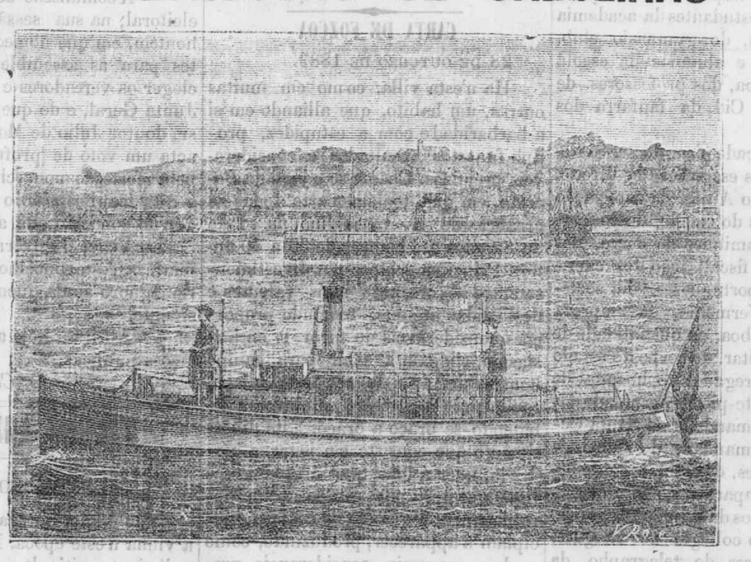
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

COMPANHIA GENERAL DE TABACOS

DE

FILIPPINAS

DEPOSITO, RUA DO ALECRIM, 20-A

As diversas marcas de charutos d'esta companhia vendem-se nas principaes tabacarias.

BOOTH STEAM SHIP COMPANY

EM COMBINAÇÃO COM

RED CROSS LINE MAIL STEAMERS

AS MAIS ANTIGAS LINHAS DE PAQUETES A VAPOR PARA OS PORTOS DO NORTE E BRAZIL

Do PORTO para o PARÁ e CEARA

DIRECTAMENTE

recebendo tambem carga e passageiros para **MANAOS**

CARREIRA MENSAL DE PAQUETES A VAPOR

GRANDE RAPIDEZ E ECONOMIA

Para carga e passageiros para os quaes tem magnificas accommodações, ou quaesquer informações trata-se com

os Agentes

A. J. Shore & C.ª

57 — Rua dos Inglezes — PORTO.

EDITAL

A Commissão Districtal Executiva da Junta Geral do districto d'Aveiro:

FAZ saber, que se acha exposto ao publico, por espaço de oito dias a contar de 4 de novembro proximo, das dez horas da manhã, até ás trez da tarde, na repartição da mesma Junta, o orçamento ordinario da receita e despeza d'este districto para o anno civil de 1890 proximo futuro.

Todos os eleitores do districto que quizerem reclamar ácerca do mesmo orçamento, o poderão fazer conforme o § 3.º do artigo 64 do Codigo Administrativo.

E para constar se passou o presente e outros d'igual theor, para serem affixados nos logares do estylo e publicados em um dos jornaes d'esta cidade.

Aveiro 29 de outubro de 1889.

O secretario servindo de presidente,

Manuel Pereira da Cruz.

PHOSPHOROS DE CERA

SUPERIOR QUALIDADE A **750** RÉIS A GROSA

Vendem-se no deposito de tabacos, rua do Espirito Santo.

LINDA DE CHAMOUNIX

Romance de sensação por A. Ennery, em cinco volumes, illustrados com magnificas chromographias e lithoctravragus.

Preços: Cada folha 10 réis, cada chromo 10 réis, cada gravura 10 réis.

Lisboa e Porto, 60 réis por semana, pagos no acto da entrega. Provincias, 120 réis, de duas em duas semanas, pagos adeantadamente.

Assigna-se em Lisboa na administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, rua da Atalaya, 42.—No Porto, na sua Filial, Prata de D. Pedro, 127, 1.º andar.

ARIOSTO

ORLANDO FURIOSO

Edição de grande luxo

Celebre romance cavalleiresco, vertido em linguagem portugueza por Xavier da Cunha, e illustrado com as monumentaes composições de Gustavo Doré.

Um unico volume contendo quinhentas e vinte e cinco gravuras intercaladas no texto e oitenta e uma em folha separada.

Distribuição quinzenal aos fasciculos pelo preço de 200 réis cada um.

Pedidos de assignatura: Administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, 40, Rua da Atalaya 52, Lisboa. — No Porto, á sua Filial, Praça de D. Pedro, 127. 1.º andar.

LIVRARIA

DE

MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1890:

Preço, cartonado..... 320

» brochado..... 240

Almanach das Senhoras para 1890:

Preço, brochado..... 240

GRAMMATICA INGLEZA

POR

JACOB BENSABAT

Para uso dos lyceus

No *Diario do Governo*, de 12 do corrente, vem uma rectificação á lista dos compendios approvados para os lyceus, pela qual se corrige o equivoco que se deu na publicação da referida lista em que fôra publicado o titulo de *Methodo grammatical*, por Bensabat, em vez do verdadeiro titulo do livro, que é *Grammatica ingleza, theorica e pratica*, por Jacob Bensabat.

Corrigido d'esta forma officialmente no *Diario* o equivoco, vê-se que a *Grammatica ingleza*, por Bensabat, um dos melhores trabalhos d'este auctor, faz parte dos livros approvados para o ensino do inglez nos lyceus.—Porto, 15 de novembro de 1888.

ANDRE LAURIE

OS EXILADOS DA TERRA

Notavel romance de viagens maravilhosas no genero dos de Julio Verne, com esplendidas illustrações de Jorge Roux. As estampas de pagina, são parte aguarelladas, parte impressas a duas côres.

Cada caderneta, 60 reis—Distribuição semanal. Lisboa e Porto: 60 reis, pagos no acto da entrega.—Provincia: 120 reis de duas em duas semanas, 2 cadernetas.

Pedidos de assignatura pódem ser feitos á Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, Rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa, ou á Filial no Porto, 127, Praça de D. Pedro, 1.º andar, assim como a todas as livrarias e a todos os correspondentes da mesma Companhia Nacional Editora.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO